



Elenir Alves
Organizadora

São Paulo, dezembro/2008

Ano 01. Número **01**

Suplemento Especial (Parte Integrante do TerrorZine nº 04)
Circulação Gratuita

Adriana Silveira

adriana34_ssp@hotmail.com

Celso Junior

celsojr2007@yahoo.com.br

Cristiane Urbinatti

crisurbinatti@ig.com.br

Danny Marks

dannymarks63@gmail.com

Deborah Brandão

deboraheduda@hotmail.com

Ricardo Delfin

rdmartins@osite.com.br

Ronaldo Luiz de Souza

rolusouza@gmail.com

Monica Sicuro

monicahsicuro2@hotmail.com

Rúbia Cunha

rubia.cunha@gmail.com



Editorial



O intuito do *TerrorZine*, é buscar novos horizontes, dando espaço para novas idéias, em novos caminhos.

Criamos este Suplemento Especial para abranger estes projetos e iniciamos este número 01, com o conto coletivo *Esquecidos de Réquiem*, dos autores da obra *Réquiem para o Natal* (Editora Andross), que será lançada em 07/12/08.

Não será apenas esta publicação. Temos a intenção de dar continuidade neste projeto. Porém, não terá uma periodicidade como o *TerrorZine*, mas publicaremos sempre que houver necessidade.

“Natal. Época de paz, amor e fraternidade. Mas não para você. Esqueça-se de tudo que seus pais lhe contaram quando criança e prepare-se para conhecer o lado sombrio do Natal em 44 histórias sobrenaturais, de suspense e de terror. Nada de amor e

fraternidade. A única paz que encontrará aqui é a paz eterna. Atreva-se a abrir este presente”. É o que encontramos na quarta capa desta coletânea organizada pelo escritor e editor Edson Rossatto.

Sobre o conto coletivo *Esquecidos de Réquiem*:

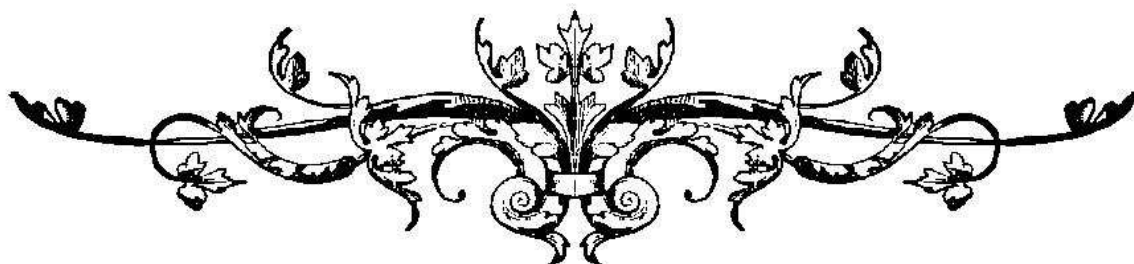
Alguns autores da antologia *Réquiem para o Natal* se propuseram um exercício de imaginação e colaboração: criar uma novela coletiva no melhor estilo *mexicano*. Cada um contribuiu com um trecho e o próximo autor tentou dar continuidade ao que o anterior escreveu, construindo uma narrativa única.

A história se passa à oeste do lado mais escuro do Natal em um povoado chamado Réquiem e fala de muitas lutas, de vilões e heróis.

As reviravoltas, as tramas e os mistérios que envolvem cada personagem vão aos poucos contando o drama que envolve a cidade. Aqui ninguém é inocente e o próximo capítulo pode ser o último de sua vida.

Agradeço meu esposo e escritor Ademir Pascale pelo apoio na organização deste suplemento e ao empenho pessoal de Danny Marks e Ricardo Delfin, no processo de revisão do conto coletivo, assim como no seu trâmite final. Agradeço também aos autores que participaram deste Suplemento Especial e desejo-lhes muito sucesso em suas empreitadas literárias.

Uma ótima leitura, um feliz natal e um excelente 2009.



Os Esquecidos de Réquiem

Conto Coletivo

O calor da cidade de Réquiem era deveras abrasador, mesmo sobre a proteção da sombra da cantina local era difícil suportá-lo. Danny Danny, homem de sangue frio como o de um lagarto e tão venenoso quanto um escorpião, estava sentado ao fundo do salão. Convocado por seu mentor Frodo d’el Rio para conquistar as preciosas terras do lugar, através de contratos escusos, necessitou alterar seus planos desde o súbito desaparecimento de seu mestre sombrio.

Tomava a décima tequila, quando seus pensamentos tomaram seus lábios:

– ¿Onde estás, Frodo? – perguntou retoricamente – Saudades de nossos melhores golpes...

A mulher que o servia alarmou – se aos ouvir o obscuro nome:

– ¿Conhece o Señor Frodo?

– ¿Quem és, mulher? ¿Que te importas a quem conheço? ¿A menos que seja a ti?

Inebriado pela temperatura e pela bebida, ele olhou a bela morena a sua frente, os fartos seios quase a pular do decote, comprimidos pelo corpete. Os olhos negros da moça soltaram faíscas:

– É forasteiro na cidade, por isso vou desconsiderar o fato de não ter ouvido falar de Monica del Sicuro. Atriz, cantora e sócia desta taberna.

Os peitos dela arfavam de indignação, diante da atitude ousada do pilantra. Ele, com um sorriso enigmático, levantou-se de um golpe e a enlaçou pela cintura, colando suas bocas.

– Só conheço uma mulher depois de sentir os lábios dela nos meus. Antes disso, são todas iguais.

Monica revoltada tentou desferir um tapa no safado, mas teve o pulso preso antes de completar seu intento.

– Dizem – continuou ele – que as mulheres de Réquiem são mais quentes que o Sol do meio-dia, mas prefiro que aqueça a minha pele de outra forma. Não te preocupes, mulher, nada te roubei, ainda. Se quiseres devolvo-te o beijo em outro momento.

Lançou uma moeda sobre a mesa e retirou-se sob o olhar, enfurecido extasiado, da jovem cantora.

O canalha Danny Danny deu uma ligeira parada e saiu para o cáustico Sol. O mariachi do lado de fora já começava a cantar a sua ladainha de amor para atrair alguns trocados.

– ♪ *Mira, señora, cuando roban su corazón...*

(▶)

O corcel Lucho del Bar trotava calmamente ao lado de Pepe Legal, não havia pressa em seus donos, Don Ricardo e o Señor Márcio Renato. Haviam atrasado- se na investigação para descobrir o paradeiro de Frodo d’El Rio, sumido depois da suspeita de manipulação na compra de terras, forçando pobres cidadãos a venderem seus lotes por somas insignificantes com a promessa de estabelecerem- se um lugar melhor em outro lugar, a Sienda del Miedo.

O delegado especial Márcio Renato era amigo particular de Don Ricardo, haviam estudado juntos e estabelecido um forte laço através das dificuldades e aventuras de jovens sonhadores e idealistas. Réquiem, a paixão de Don Ricardo, tornou- se o segundo lar de Márcio Renato. Quando possível, escapava para a cidade, hospedando- se na casa do amigo.

Desde que o delegado ouvira a maravilhosa voz de Monica del Sicuro ficara encantado pela sereia de pele morena e cabelos de ondas. O amigo sabia dessa paixão, confessada entre longos goles de vinho. Em troca, revelara o seu caso de amor pela dona da pequena pensão, única estalagem da cidade, também responsável pelo pasquim, a guisa de jornal, que imprimia semanalmente com as velhas máquinas tipográficas abandonadas por um antigo cliente.

O Sol escaldante de Réquiem sugava as energias de todos que não conseguissem encontrar uma sombra para se abrigar. Márcio Renato dizia que Réquiem era o lado esquerdo do Inferno, onde pulsava o coração do Diabo. Era um gracejo que, não fosse ele tão querido pelos moradores, poderia ser mal interpretado. Mas todos sabiam que se referia a paixão arrebatadora que sentia, ainda não correspondida.

- Baixe a mão, rapaz, ela já se foi -aconselhou Márcio Renato.

Don Ricardo ainda estava com o braço levantado do rápido aceno dado a Rúbia de la Cuña, que parara de limpar o alpendre da pensão da interminável poeira acumulava, para atender o chamado de seu único hóspede, Danny Danny.

- ¿Ela não é linda? Encanta- me como se mantém tão bonita, mesmo cuidando praticamente sozinha da pensão e do jornal. É uma guerreira essa mulher. Aqueles cabelos...

- ... são como sombras em uma tarde ensolarada. - disse Márcio Renato, em unísono, já sabendo os pensamentos do companheiro - Eu sei...

- ... são como sombras em uma tarde ensolarada.

- ¿Por que não se decide a pedi-la em casamento? ¿Onde está o terrível "Don Ricardo da madrugada" que encantava com sua viola as noites frias? ¿Por que não a convida para jantar em sua casa e lhe canta uma de suas composições?

- Você não a conhece, ela é uma moça pura, não é como aquelas...Você sabe, da cidade grande...Aqui as coisas precisam ser feitas muito sutilmente. Ela já enfrenta a fama de ser uma dona de pensão que hospeda homens.

- No momento, só tem aquela cobra velha no hotel. Preocupa- me a razão desse tal de Danny Danny estar aqui. ¿Soube alguma novidade?

- Só que ele veio para comprar umas terras. Parece desejar se estabelecer por aqui. Diz ser um empresário, mas não se sabe exatamente no que trabalha. Não gosto do jeito como ele olha para as pessoas.

- Para Rúbia, você quer dizer.

- ¡Também! Confesso que não me agrada ter aquele forasteiro com seu sorriso torto rondando a casa da minha princesa. Enfim, negócios são negócios, tomara que ele resolva os dele logo e se afaste daqui. Este não é um lugar para sua estirpe.

- Por falar em negócios, vamos tomar um vinho - convidou Márcio Renato.

- Você também não tem jeito, ¿por que não assume logo que gosta dela?

- ¿Como? Ela tem toda a vida dela forjada aqui, e a minha é em outro lugar. Eu teria que conquistar uma posição, não sou rico como você e não teria o que fazer nesta cidade ¿O que posso oferecer para ela? ¿Dividir a sociedade na taberna?

- ¿E na cama dela, por que não?

- Sei, se é tão simples ¿por que não faz isso com a Rúbia?
- Vamos tomar o vinho, esse Sol está nos deixa nervosos.
- Sim, mas não acho que seja o Sol que me deixa com um certo pressentimento ruim. Parece haver uma nuvem escura rondando Réquiem, e essa nuvem tem um nome.

- ¿Chuva? Seria bom se fosse...

Os dois amigos entraram rindo na taberna, sentiam-se dispostos para enfrentar qualquer coisa vindoura, embora nem soubessem o que se aproximava.

(▶)

Poucos quilômetros distantes, um vulto negro caminhava a pé por uma deserta estrada de terra. Ele levantou a aba do seu chapéu negro, proteção de seus olhos contra a luz e o calor escaldante daquele dia, para encarar um dos poucos objetos que lhe passam pela vista há dias e que não fosse arbustos secos e ossos limpos de animais. A placa de madeira apodrecida parecia demonstrar um tom de temeridade para quem estivesse se aproximando da cidade.

- Réquiem. Estamos pertos.

A enorme caixa de madeira arrastada por ele formava um rastro na terra que pode ser acompanhado até onde a vista nada mais enxerga. De dentro dela saiu um som estranho, um improvável balbuciar.

-apresse-se, Theomagus! Preciso de carne fresca!

A figura pálida que segurava a corda do caixão sorri singelamente, caçoando da ordem que recebera.

-ora, ora, como seu eu fosse deixar que fugisse daí.

- ¡Vamos, Theo! ¡Só por uma noite! ¿Que custa?

- Se não calar sua boca nojenta agora mesmo, abro a caixa.

Não houve resposta por parte de quem estivesse dentro do invólucro de madeira negra. O homem continuou a arrastar o objeto em silêncio, enquanto baixou novamente a aba, caminhando para dentro da cidade esquecida.

(▶)

Rúbia de la Cuña andava atarefada em seus afazeres de manter sua pensão quase fantasma e seu folhetos mal quistos pelos homens de orgulho ferido em Réquiem. Ria sarcasticamente, quando via os homens a recriminando que deveria casar-se e cuidar da pensão na companhia de um homem que cuidasse de sua segurança. Estava claro que o forasteiro que a olhava de cima abaixo com seu sorriso meio de lado e olhos de lobo faminto, não era bem vindo em Réquiem, mas ela também não podia escorraçar o homem que ainda pagava alguns ducados que seriam usados para manter aquele local que o banco tanto desejava tomar em sua ambição. De la Cuña também recusava trabalhar no "bordel" de sua irmã, o qual era defendido com garras e dentes em sua imagem de cabaré. Don Ricardo parecia ser o único que a defendia, mas por mais que ela pudesse ver aqueles olhos apaixonados ela não podia correspondê-lo. Não depois de tudo que aconteceu no passado e era mantido muito bem guardado em seu camafeu.

(▶)

Monica olhou fixamente para as teclas do piano velho em sua frente. Passou delicadamente os dedos por entre as teclas, sem tocar nada, apenas acariciando o objeto. Sempre quando estava só, não escondia a tristeza que faz com que esteja sempre vestida de preto. As duas funcionárias estavam com seus afazeres. Assim ela aproveitou o raro momento de solidão.

O silêncio foi quebrado pelo som de clientes entrando. Rapidamente ela se recompôs. Nunca usava maquiagem quando não estava cantando, então foi até a pia e jogou um pouco de água no rosto para não perceberem que esteve chorando.

Monica abriu um grande sorriso ao ver seus clientes, era sempre muito agradável conversar com gente inteligente. Principalmente com um dos homens que chegara.

– Hoje está um ótimo dia para beber algo bem refrescante, ¿não acham? – disse Monica, apoiando os dois cotovelos no balcão, segurando o rosto. Gesto esse que deixava seu decote a mostra, em contraste com a feição inocente que fazia propositalmente.

– Com um convite desses não tenho como negar. – respondeu Márcio rindo.

– Sente-se aqui, é a melhor mesa – Monica sorriu, em instantes todo o sofrimento passado sumiu e deu lugar aos momentos agráveis do presente.

– ¿Quando ouviremos a senhorita cantar novamente?

– ¡Ah Márcio!, estamos sem público aqui em Réquiem – respondeu a jovem servindo vinho para os dois.

– ¿Nos dá a honra de beber conosco?

– Geralmente não bebo em serviço, mas para você farei uma exceção – ela e Márcio riem enquanto Ricardo ficava olhando pela janela.

Monica aproximou-se dele:

– ¿Saudades do calor? – perguntou.

– ¿Eu? – perguntou a Ricardo assustado.

– ¡Sim, o senhor mesmo! ¡Está perdido lá fora e nem tocou no vinho!

– Desculpe-me, ¿do que falávamos mesmo?

O diálogo foi interrompido por uma figura estranha puxando um caixão entrando na taberna. Monica olhou assustada, os dois rapazes olharam-se desconfiados.

– ¿Pode me servir algo para beber? -a figura misteriosa vira-se para um dos homens.

– Sou a dona daqui, e posso lhe servir, forasteiro – Monica responde se levantado, era comum a confundirem com qualquer coisa, menos como dona do estabelecimento.

A presença da nova figura causou um certo desconforto para os dois amigos. Xenofobia típica em cidades pequenas, onde tudo é conhecido por todos e algo estranho é tratado com exageradas ressalvas.

O forasteiro exibiu apenas um sorriso singelo, era tudo o que podia se enxergar quanto seu chapéu estava abaixado.

– Perdoem-me pela indelicadeza – suplicou o estranho.

Fez uma reverência respeitosa para a dona da taberna, em seguida para os dois homens. Apenas Monica retribuiu o gesto, oferecendo uma mesa para que o misterioso visitante se sentasse.

– ¡Há! ¡Mal chegou e já deu bola fora! – caçoou a voz de dentro do caixão.

Os presentes reagiram como se não tivessem escutado som algum sair de dentro do esquite. Apenas o homem de preto parece ouvir aquela voz. Ele responde ajeitando a enorme caixa de forma brusca, em um canto da parede.

– ¡Hey, hey! ¡Vai com calma Theo!

Enquanto Theomagus era servido por Mônica, Márcio e Ricardo não parecem nada contentes com a inusitada situação.

– ¿Quem é esse cara? – perguntou Márcio Renato.

– Muito estranho esse sujeito. Muito estranho.

– ¿E aquele caixão? ¿Será que é de alguma funerária?

Servido o homem, Monica tentou começar uma conversa amigável.

– Então amigo, ¿o que te traz a Réquiem?

Serenamente, o homem coloca a caneca de volta a mesa e tenta ser tão cordial quanto a moça.

– Estou apenas de passagem, Senhora.

A garota não esconde a curiosidade quanto ao estranho objeto que o homem carrega.

– ¿E o que tem naquele caixão? Se é que posso perguntar...

O estranho olhou para a grande caixa de madeira, encostada na parede do seu lado direito.

– iTá vendo, Theo, mal cheguei já estou ficando famoso! iMe apresente à moça, vai!

– Nada, não tem nada lá dentro.

(▶)

Danny Danny podia perceber que de la Cuña deslizava os dedos sobre o camafeu preso ao pescoço por uma fita negra, após ela sair do alpendre da mansão e parecer tão distante em seu olhar.

A moça, que muitas vezes recebia agressões verbais, cantadas de homens bêbados, desejando mais que uma simples hospedagem, poderia mostrar– se delicada e frágil, com seus cabelos de sombras em uma tarde ensolarada, mas também aparentava alguém sempre com uma carta debaixo da manga.

Não foi difícil a ele, no pouco tempo de hospedagem, notar a ponta de uma lâmina afiada ir ao encontro do pescoço dos mais atrevidos, ou até mesmo reparar tarde da noite a desconfiança da mulher andando armada enquanto movia– se nas trevas de seu lar, quando todos deviam estar dormindo.

– ¿Um amor perdido? – ele atreveu– se a comentar, com um sorriso nos lábios. Mal se viam seus olhos devido à aba do chapéu.

De la Cuña interrompeu seus passos, olhando friamente de soslaio para o hóspede.

– Temos um acordo, forasteiro. Você não me faz perguntas e eu não o escorraço do meu teto.

De la Cuña então continuou a caminhar, percebendo não estar mais só naquela imensa pensão e que deveria tomar cuidado com seus próprios pensamentos. Havia conseguido manter– se fechada até aquele momento e um estranho qualquer não lhe arrancaria qualquer segredo. iNão! Isso não aconteceria novamente.

Danny Danny gostava de observar.

A vida é um quebra– cabeça aonde as peças vão se encaixando, saber o que escondem é uma arte extremamente lucrativa, pensou em sua Filosofia obscura. Não gostava de deixar as coisas ao acaso. Atenção aos detalhes lhe salvara a vida algumas vezes e gostava demais da vida para perdê-la, mas seu espírito ansiava pelo desafio, pela aventura. Quanto maior o risco, maior o seu desejo de dominá-lo.

Réquiem era uma cidade estranha, com pessoas estranhas a desfilar pelas ruas com seus mistérios, lascivos, cruéis, insanos. Era como se em cada esquina pudessem encontrar El Diablo com seu sombreiro a desafiar o Sol.

Por força das circunstâncias, Danny Danny havia alterado seus planos. A chegada de Theomagus implicava em um risco maior do que imaginara. ¿Por que aquela criatura sombria estaria ali? ¿O que Rúbia escondia em seu camafeu? Ricardo, Marcio Renato, Monica, todos eles estavam encobrendo algo e isso excitava os instintos de Danny Danny. *Seria melhor se abandonasses esta cidade e esquecesses essa merda toda. Não precisas se arriscar tanto.* A imagem no espelho falava diretamente para o homem de sorriso torto a sua frente. Não se sentiria covarde de virar as costas e ir embora, mas algo o atraía naquele lugar e não sabia exatamente o que era. Algo o mantinha acorrentado àquelas paredes desgastadas pelo Sol cáustico. Danny Danny odiava limites e correntes mais do que o desconhecimento. Sua vida era pautada por descobertas obscuras que o impeliam por caminhos perigosos.

– Não há nada mais letal que um suicida motivado – respondeu em voz alta para o espelho – Não sairei daqui enquanto não descobrir o que está acontecendo. E algo grande está acontecendo. iSinto isso!

Foi até a mala ainda não desfeita, sempre pronto para fugir. Fitou sua maior arma, um livro de capa dura, encadernado a mão. As letras douradas e gastas incrustadas na capa ainda permitiam ler: iBíblia Sagrada!

Nos momentos mais difíceis sempre recorria ao livro. E tudo se encaminhava para uma seriedade além do imaginado. Abriu o tomo e olhou para o seu conteúdo. *Atitude!* Precisava quebrar o impasse que se estabelecera.

– Quando as coisas parecerem feias, seja original, ninguém está preparado para o inesperado – murmurou as palavras do seu mestre.

Guardou o livro e saiu. Um plano desenhava-se em sua mente, fosse como fosse, o dia seguinte teria bastante emoção. Todo dia é um bom dia para morrer.

(▶)

Evidentemente, Monica ficou desconfiada com as palavras do forasteiro, pois nem todos estranhos são dignos de confiança. Réquiem era quase uma cidade fantasma, com as poucas pessoas que ainda permaneciam por lá. Muitos estranhavam o fato dela e sua irmã de la Cuña permanecerem brigadas e mal trocaram palavras. *¿Mas agora?* Agora um homem, que conhecia o famigerado Señor Frodo, ousara roubar-lhe um beijo. Outro chegara com um caixão e dizia não haver nada no esquife. E não saberia a reação do Señor Marcio Renato se descobrisse os acontecimentos recentes.

– *¿Señorita, poderia deixar a garrafa aqui por favor?*

Monica parecia despertar de um sonho quando Theo lhe falou em seu sussurro estranho e cordial, mas estranhamente frio em sua alma. Com um sorriso desconcertado deixou a garrafa ali, voltando para perto de Dom Ricardo e Márcio Renato.

– *¿Será que ele se hospedará na Pensão de La Cuña?*

Ria baixinho, nervosamente, pois apesar da irmã ter ficado com a pensão e ela com o cabaré, seus instintos berravam com a presença de forasteiros em Réquiem.

– Provavelmente – murmurou Dom Ricardo, olhando desconfiado para o homem pálido e seu caixão. Não lhe agradava ver tantos homens hospedados na pensão de la Cuña.

– *¿Já pensou em se oferecer para ajudá-la ou ficar de vigília por lá?* – comentou Marcio Renato ao ver o desconforto do amigo.

– *¡Não!* – Ricardo reagiu repentinamente exaltado, porém logo se recompôs. – Ela jamais aceitaria. Já o disse. De la Cuña é uma mulher guerreira.

Falou um pouco desolado, esquecendo-se da presença de Monica.

O forasteiro sentiu no ar o peso causado por sua presença. Fora apenas uma pequena pausa para descansar as pernas e continuar em seguida.

– *¡Ah, Theo! ¿Não está pensando em ir agora, né? ¡Mal chegamos! ¡Nem conheci as garotas!* – disse a voz no caixão.

Theo não respondeu para evitar desconfianças.

O clima seco, quente e ensolarado permaneceu inalterado. Um convite para prosseguir sua viagem.

– *¡Theo, estou falando sério! Não devemos partir ainda.*

O viajante começou a separar as moedas para pagar pela bebida, absorto em pensamentos, quando a garota que lhe atendeu puxou conversa novamente.

Ouvindo a conversa dos dois amigos, Monica engoliu seco. Todo o passado voltou a tona em sua mente. *¡Não, não posso deixar que tudo se repita!* Pensou. Nesse instante olhou para o forasteiro, ajeitou o decote e foi à adega. Voltou com uma nova garrafa e mostrou ao rapaz.

– Toda casa guarda bem suas melhores bebidas. *¿Aceita?*

(▶)

Danny Danny delongou demais seu olhar sobre de la Cuña e isso a incomodou.

Ela bateu violentamente a porta de seu quarto, andando apressada na direção da cômoda. A gaveta foi quase arrancada e Rúbia jogou as roupas ao chão, pegando duas *Peacemakers*.

Seu peito arfava, enquanto ela puxou os cães das armas. Suas mãos envolveram as coronhas como se estivesse tentando asfixiar alguém ou alguma lembrança. Tremia de ódio, mantendo seus indicadores longe dos gatilhos. Olhou furiosa para o espelho.

- iEu te odeio! iEu te odeio! iEu te odeio! – repetiu, rangendo os dentes, quase sussurrando, com lágrimas descendo por sua face. Precisava recompor- se, manter aquele lugar, eliminar as ameaças. Precisava...

- iOh, Deus! Dai- me forças para continuar, para acreditar que...

De la Cuña desengatilhou as armas, depois de implorar em sussurros para que ainda tivesse forças, naquilo que sempre acreditou. Que eles ainda estivessem vivos.

(▶)

- Poxa, Senhora, adoraria mas estou contando meus trocados para saber se não terei de lavar seus pratos em troca da primeira garrafa. – disse Theomagus olhando guloso para a garrafa.

- Em primeiro lugar retire o senhora – retrucou Mônica.

-oh, sim, perdoe- me pela indelicadeza.

- Então, eu o perdoarei com uma condição.

- ¿Condição?

- Sim, – disse curvando- se para ele.- aceite como cortesia da casa.

- Nossa, é muita gentileza da senh... digo... ¿Como devo lhe chamar?

- Monica, somente – respondeu enquanto servia o vinho, exibindo seu decote.

- iTheo, olha isso! – exclamou a voz do caixão – iMe empresta seu mel, cara!

Theo, meio sem jeito, mas apreciando a companhia da garota atenciosa, resolveu deixar de ser tão taciturno e a convidou para sentar.

- Muito obrigada pelo convite. Realmente esse calor deixa qualquer garganta seca – sentou- se aproximando a cadeira e colocando a outra caneca que tinha nas mãos sobre a mesa, enquanto olhava-o e sorria.

- iAh, seu miserável! iMe deixa sair daqui! iQuero fazer uma festinha!

- ¿Então, Monica, é sempre tão cordial com estranhos?

- Nem sempre, geralmente sou muito dura. Mas resolvi fazer algo diferente hoje.

Theo bebericou do vinho ainda absorto por outros pensamentos. Só estava tentando ser cordial quando algo lhe veio a mente. Ela estava realmente cantando-o. Agora ele começou a perceber o olhar lascivo da moça.

- iAh, seu tonto! Eu já teria levado ela pro cantinho ali – disse a voz.

- ¿Bom, forasteiro, onde irá ficar?

- Na verdade eu já estava de saída. Preciso aproveitar o bom tempo para continuar.

O clima fechou em instantes e ouviram- se alguns trovões.

- iVocê me deve essa, Theo! – praguejou a voz.

- É... Parece que vai chover... – disse Mônica, com satisfação.

Theo olhou para caixão com ar de espanto. Não esperava por essa agora. Podia- se sentir o ar de deboche dentro da enorme caixa de madeira escura, onde o clarão de um relâmpago refletido fez aparecer uma inscrição estranha entalhada na sua tampa: 777. Monica olhou curiosa para o esquife. Daria qualquer coisa para saber seu conteúdo.

-agora tem esses urubus aí observando. ¿Quer que eu dê um jeito, Theo?

O viajante nada pode responder. Mas, inesperadamente, os dois homens começaram a sentir- se incomodados e tiveram uma inexplicável vontade de deixar o local. Ricardo e Márcio se entreolharam, deixaram algumas moedas ali e saíram sem dizer nada. Embora seus olhares estejam tão espantados e confusos quanto os de Theo.

O misterioso forasteiro murmura para o caixão.

- Você está me complicando.
- ¿Disse algo? – perguntou Mônica.
- ¿Eu... disse? Ah, sim eu disse: *Você está me encabulando.*
- Desculpe-me – ela corou.
- ¡Vai, Theo, arranca a roupa dela! ¡Eu quero ver!
- Bom, parece que eu vou ter de ficar até passar o temporal. ¿Conhece algum lugar?
- Há uma pensão na... Quer dizer, tem minha casa. Ela possui vários quartos.
-olha, eu agradeço sua hospitalidade, mesmo, mas eu me sinto um intruso abusando da sua boa vontade. Eu não tenho muito dinheiro para pagar a hospedagem.
Mônica, então, percebeu a ausência de Ricardo e Márcio.
- Estranho, os dois saíram sem falar comigo.
- ¡Ah, gatinha! ¡O Tiozão aqui tem muitas cartas na manga!
- De qualquer maneira, aqui seria de graça, não precisa pagar. Se eu cobrasse, faria concorrência com a minha... A dona da hospedagem.
- ¡Nossa, mas você não pode hospedar pessoas sem cobrar! Aí, sim, você estaria fazendo concorrência. E desleal, ainda por cima.
Pela primeira vez Theo esboça uma risada e é acompanhado pela garota atirada.
- ¡Vai, Theo! ¡Façam um showzinho pra mim!
-olha eu só gostaria de abusar da sua boa vontade mais um pouco, se for possível.
- ¿Como assim?
- ¿Você tem algum porão?
- Tenho. A entrada é atrás do balcão. ¿Por quê?
- ¿Posso guardar uma coisa lá?
- ¡Claro!
Theo se levantou e começou a segurar seu enorme caixão, carregando-o para a entrada indicada.
- ¡Ah, não! ¡Isso não é justo! ¡Você me paga! ¿Vai me abandonar aqui? Agora que o negócio ia ficar bom.
Theo largou a caixa tagarela em um canto escuro e úmido e quando fechou a porta no alto da escadaria, fez questão de sussurar um desaforo contido.
- ¡Use a imaginação!
Ele se vira para a dona do estabelecimento.
- Bom, se não for te atrapalhar, eu aceito.
- Tenho três quartos de hóspedes, dois estão ocupados pelas minhas funcionárias e você pode ficar no outro.
- Para mim, está mais do que ótimo.

(▶)

Não muito longe dali, Adriana del Pueblo andava de um lado para o outro de sua sala no Banco Central. Herdeira do único banco da cidade tomava conta de tudo sozinha fazendo seu banco render cada vez mais com empréstimos aos habitantes da cidade a juros altíssimos. O calor era insuportável e o suor escorria entre seus seios, uma mulher com um pouco mais de 40 anos, mas fazia inveja a qualquer menina mais nova. Seu corpo era belíssimo, tinha cabelos negros e longos que rodeavam sua cintura fina. Mas a raiva incontida desta mulher faria qualquer um tremer só com o seu olhar.

- ¡Rúbia, Rúbia! Nunca mais esquecerei seu nome. Finalmente o grande dia está chegando, preciso deixar esse lugar tão medonho. Réquiem me traz apenas o sentimento de vingança que já está por terminar. Ainda lembro do ano quando meu noivo me deixou no altar. E as gargalhadas de Rúbia e sua irmã ainda ecoam em meus ouvidos, quando fugia desesperada vestida de branco pela cidade. Elas foram as culpadas de tudo, meu noivo não apareceu por conta delas. ¡Aqueles malditas! Mas deixe estar, em alguns dias Rúbia perderá sua pensão. Meu pai foi bastante

esperto emprestando dinheiro para ela saldar suas dívidas e cobrando juros altíssimos. Hoje, já faz 5 meses que Rúbia não me paga um tostão, e com isso tomarei seu estabelecimento. E eu ri em sua cara, só para vê-la sofrer. Estou solteira até hoje por causa dessa mulher. ¿E meu noivo? Sumiu e nunca mais tive notícias dele, mas ela sabe, juro que ela sabe de tudo, e ela vai me pagar. ¡E muito caro por tudo que passei por todos esses anos!

(▶)

Cinco meses se completariam e Rúbia nem sabia como havia sobrevivido as taxas de juros do Banco Central de Réquiem. A cidade estava fadada a se tornar fantasma e com isso a pensão mal recebia hóspedes. Além disso, alguns viajantes acabavam pernoitando no cabaré. Monica não a ajudava em nada, suas desavenças acabariam com seus espólios e ela ali, ao chão, depois de um rápido sentimento de derrota, se erguia. Aquelas *Peacemakers* não as pertenciam, mas ajudariam se as coisas ficassem mais pesadas. Não. Ela não podia dormir, enquanto sentisse em seu peito o ar pesado das ameaças constantes que sofria. Uma vez mais verificou a munição da *Winchester* e se colocou ao lado da janela, espreitando as ruas escuras de Réquiem. Acariciou o camafeu no pescoço, mantendo firme a *Winchester* em sua outra mão.

- Nem mesmo a morte me tirará desta pensão - sussurrou baixo, com o olhar vazio, enquanto contemplava a longa noite.

(▶)

Uma tempestade. Não havia melhor momento para a chegada de Deborah à Réquiem. A figura andando em meio à tempestade sabia que aquele lugar era familiar, que já havia estado por ali. Porém não se lembrava. Uma cigana com visões confusas e que não sabia ainda o quanto poderosa era. Deborah tinha consciência dos seus poderes, mas não sabia o quão forte poderiam ser se ela recuperasse a memória perdida. Tinha lapsos de fatos e acontecimentos passados, todavia sempre confusos.

Usava um vestido vermelho e preto com um profundo decote e o corselete bem apertado em sua cintura. No pescoço um amuleto em forma de uma águia negra, seus cabelos negros e compridos eram adornados com uma corrente de ouro que deixava um pingente centralizado em sua testa. Com certeza era uma mulher que chamava atenção principalmente pelas vestes que não negavam sua origem cigana. Caminhava pela chuva e pensava: *Preciso encontrar a señora del Pueblo. ¡Preciso encontrar a señora del Pueblo!*

(▶)

Já era madrugada, quando um estranho vulto, alheio à chuva, observava ao longe Rúbia de la Cuña dentro da pensão. Ela acariciava um camafeu, e o misterioso observador sabia haver lá algo importante.

As luzes já estavam apagadas, os hóspedes dormiam. Aqueles olhos a observaram e partiram em sua direção. Rúbia de nada desconfiava, absorta em seus pensamentos. O estranho entrou na pensão rapidamente, mas deixou que a porta bater. Amaldiçoou-se e escondeu-se, sabendo que a dona da pensão teria ouvido e poderia vir em sua direção. Ela estava armada e atiraria antes de perguntar quem estava a invadir sua pensão àquela hora da madrugada. Os passos ecoaram mais perto. Ele pôde ver as nuances de seu corpo aproximando-se na penumbra.

Ela estava assustada, a respiração ofegante, pronta para atirar. Ainda não o havia percebido. Mas ele já podia sentir o seu perfume exalar pelo cômodo.

Os relâmpagos rasgavam a noite e a chuva apenas fazia de la Cuña mergulhar mais em suas lembranças. Seu coração se apertava e ela sabia que não podia se deixar levar pelas emoções de novo. Não conseguiu conter uma lágrima e outra que desciam à pele clara. Os cabelos, que lembravam sombras em uma tarde

ensolarada, adornavam seus ombros, para logo escaparem em um giro rápido ao erguer a *Winchester*. A porta da frente bateu em meio à tempestade, não conseguindo abafar o som por conta dos raios. Seu dedo agora estava mais próximo ao gatilho e seus passos eram calmos. O som dos saltos seria audível para quem a espreitasse, mas não lhe daria chance alguma. Não deixaria que os capatazes de del Pueblo queimassem sua pensão ou que a emboscassem. Seus olhos se esmiuçavam, acostumando-se com a escuridão. Já conseguiam distinguir os móveis do *hall* de entrada, seu dedo já começava a acariciar o gatilho e em um passo lento, passou pelo vão que separava a sala do *hall*.

(▶)

Apesar da hora, Adriana del Pueblo não conseguia dormir. Saíra aos bafos do banco, mas ao chegar em casa ainda sentia o calor de Réquiem, mesmo a chuva não lhe refrescava. Seu coração ardia ao mesmo tempo em que sentia vários arrepios pelo corpo. E del Pueblo sabia bem o significado desses arrepios: a Cigana estava próxima.

Uma coisa a intrigava, pois ao retornar do banco, vira um rapaz, o qual não pode distinguir por causa da escuridão. Notou que espreitava a pensão de la Cuña. Sua finada mãe, a fizera jurar nunca se juntar àquelas irmãs. Jamais saberia o motivo, mas cumpriu a risca a promessa feita a mãe.

– Talvez a Cigana saiba de algo – refletiu – Sinto que ela está perto, muito perto, ainda posso sentir os arrepios.

(▶)

Era o momento esperado ansiosamente pelo estranho. Lá fora, avistara esta mulher e a sua visão lhe despertara o desejo e a luxúria, a paixão e a urgência da carne. Seu perfume agora o inebriava e a sua presença feminina lhe trazia à tona pensamentos e emoções que pensara terem sido perdidos há tempos.

Viu a figura feminina aproximar-se, armada e decidida a atirar. Regozijou-se interiormente. Escolhera o lugar certo para surpreende-la. Deixou que se aproximasse perigosamente, passasse por ele, e de súbito, por trás dela, num só golpe, jogou suas mãos por baixo de seus braços, separando-os fortemente da arma que tombou ao solo, sem contudo disparar.

Um grito morreu na garganta da bela mulher, quando uma das fortes mãos do estranho lhe tampou a boca, e sentira o outro poderoso braço imobilizar os seus próprios braços cruzados sobre o peito. O estranho sentiu o corpo dela tentar reagir, lutar, mas sua força a manteve imóvel. Ele a prensou contra a parede, seu corpo unido ao dela, evitando que escapasse, reagisse ou fugisse, e ciente do calor daquele corpo feminino, do perfume exalado, do contato macio de sua pele, não se conteve. Precisava beijá-la, sentir seu hálito, sua boca, seu gosto. E forçou um beijo, sua língua procurando a dela insistentemente, até que ela, talvez sabendo estar vencida, timidamente retribuiu seus toques. Por um momento o estranho se enganou. É apenas mais um ardil feminino. Ela forçou o corpo para trás, aproveitando-se do efeito surpresa que causara, e mesmo ainda imobilizada, ganhou espaço para olhar o seu rosto e fitá-lo na meia luz.

(▶)

Ao chegarem, Monica foi buscar o necessário para acomodar o forasteiro. Subiu em um pequeno banco. Theo se aproximou.

– ¿Posso ajudar?

Neste instante, Monica caiu. Theo tentou ajudá-la, mas atrapalhada, ela caiu por cima dele. Com rosto bem próximo ao dele ela pensou: *Estraguei tudo*.

– ¿Desculpa-me? – implorou Monica sussurrando.

Ela sentiu o coração dele disparado, estava praticamente deitada sobre ele. Ele continua mudo, apenas virou o rosto para o lado dela. Monica estava morrendo de vergonha e percebeu o rosto dele também corado. Ao se virar os dois lábios

ficaram próximos a ponto dela sentir a respiração ofegante dele. Então ela o beijou. Theo se deixou levar pela inesperada investida e não teve reação nenhuma a não ser afrouxar os lábios e se entregar ao beijo leve recebido de Monica. Para então aplicar a pressão necessária e tornar o pequeno gesto de carinho em uma explosão de desejo quando segurou o rosto da garota enquanto seus lábios e línguas pareciam se tornarem uma única peça.

(▶)

Ouvindo as gotas de chuva, Theo estava em pé, próximo à janela do quarto onde ele e a ávida garota permanecia desacordada.

– É, demorei demais. Já anoiteceu. Foram quase dez horas, até que ela agüentou bastante.

Theo observou a escultural figura deitada de bruços na cama e algumas lembranças vieram a sua mente. *Você nem sabe meu nome. Argumentara. E não quero saber.* Respondera ela. *Amanhã você não estará mais por aqui. Melhor deixar assim mesmo.*

Theo riu para si mesmo lembrando que depois disso ela não conseguiu formular uma palavra coesa sequer. Sua habilidade nessa artes excedia o comum. Mesmo assim ele precisava admitir que ela também lhe proporcionou um prazer não sentido há muito. Por essa razão ele resolveu usar o que tinha melhor em si para que a garota soubesse o verdadeiro significado do orgasmo. Por isso ela está desmaiada. Por algum motivo desconhecido, Theo resolveu voltar a cama e começou a acariciar os cabelos da garota. Ele não costumava prestar tanta atenção. Não sabia dizer ao certo porque fazia aquilo, mas como não poderia sair a noite, ele resolveu ficar ali até a hora em que ela recuperasse suas forças. Pelo que ele conhecia das mulheres, teriam mais algumas horas de prazer antes que ela desfalecesse novamente. Até lá, o dia já teria amanhecido e ele poderia sair e deixar a garota lembrando dele como se tivesse experimentado um sonho alucinante. Era assim que ele fazia e era assim que precisava continuar. No fundo da sua mente, ele escutou alguém resmungando e batendo inutilmente contra uma tampa de madeira.

(▶)

A tempestade aumentava cada vez mais e a escuridão tomava conta de Réquiem. O calor atormentava cada um dos habitantes e visitantes da cidade fantasma. A Cigana sentia-se cada vez mais estranha e sua cabeça confusa com lembranças inexplicáveis. Enquanto, cada um dos moradores da cidade escondia um grande segredo velado pelas gotas pesadas da chuva, uma voz urra no alto da colina de Réquiem um pranto de fúria e crueldade que fez os habitantes tremerem. Neste momento, a cidade congelou e apenas as respirações ansiosas destas figuras preenchiam a noite.

Os olhos da Cigana se encheram de terror. Há muito ela não ouvia este som. Mais do que nunca, precisava encontrar a señora del Pueblo. Não podia mais se esconder, precisava assumir a responsabilidade por seus poderes.

Mais uma vez ouviu-se o pranto e a voz dentro do caixão.

– iÉ ela! iEstá de volta, Theo! ¿Theo? Consegue me ouvir? É ela, está nos vigiando. iEu sabia! É CRRIST, a voz dos mortos. Theeeeeeeeeeeeeeeeeooooooooooooo.

(▶)

No quarto, Theo levantou num sobressalto. No entanto, logo sua atenção voltou à mulher ao seu lado. Sentindo os cabelos serem enrolados com delicadeza pelos dedos finos e brancos do forasteiro, Monica começou a despertar. Theo questionou se devia ou não apertar determinado local da nuca da mulher, para que ela começasse a sentir algumas contrações na sua região íntima, mas no fim resolve deixar as carícias num nível mais inocente por enquanto.

– Demorou a acordar, Monica.

A garota não se virou e aproveitou para relaxar enquanto o homem continuou a lhe acariciar as enormes mechas do cabelo.

– ¿Nossa, onde você aprendeu a fazer isso?

– Acariciar os cabelos? Nossa, é tão comum isso.

– ¡Não, seu bobo! ¡Estou falando de agora a pouco! ¡Você acabou comigo!

– ¿Ah, aquilo?

Theo ficou em silêncio por alguns instantes enquanto tentou elaborar uma resposta.

– Isso não é coisa que se aprenda.

Theo não resistiu por muito tempo e começou a puxar o cabelo dela com um pouco mais de força, torcendo-o para cima a ponto de deixar a nuca desnuda. Ele se posicionou por cima da garota, ainda de costas e se esparramou por cima de seu corpo, fazendo seus dentes arranharem de leve desde as costas até a base do pescoço, se aproximando do ouvido direito. Monica sentiu seu corpo tremendo dos pés a cabeça, mas não teve energia o para reagir de maneira recíproca. Theo percebeu isso e, lentamente, se deitou ao lado da garota.

– Sabe, estou curioso. ¿O que lhe chamou a atenção em mim?

Monica não respondeu, apenas observou o rapaz com um sorriso singelo.

– Seu jeito misterioso. Deixou-me curiosa demais.

Apenas Theo podia ouvir os resmungos cada vez mais altos vindos de dentro do caixão abandonado no porão. Isso começou a incomodá-lo. Resolveu dividir a atenção entre a moça e a voz que insistia em falar com ele.

– ¡Sua anta dos Infernos! ¡ELA TÁ AQUI!

– ¿O quê?

Gritou Theo levantando-se da cama. Monica assustou-se.

– ¿O que houve?

– ¡Sabe o que fazer, Theo! ¡Vem agora!

Theo entrou em um estado de reflexão profunda enquanto encarava o corpo da garota atônita na cama.

– Merda, aqui não. ¡Agora não!

–¿O que foi?

– ¡Fique aqui! ¡Não saia, por favor!

– ¿Como assim não saia?

– Não posso explicar agora. Apenas confie em mim.

Mesmo contra sua perplexidade, Monica concordou com a cabeça. Raramente um homem lhe passava a sensação de proteção.

Theo vestiu-se rapidamente e desceu correndo as escadas. Direto para o porão.

– Vai seu merda! Vem logo!

– ¡Calma, eu não imaginava!

– Você não pode sair. Ainda não amanheceu. Deixa isso comigo.

Theo hesitou, mas não havia outra saída.

– Olha, se você fizer alguma besteira...

– ¡Estamos juntos nisso, sua besta! ¡Vai!

Theo apenas serra o punho e segura a tampa do caixão. Com um gesto violento ele o abriu e um silêncio absoluto tomou conta do ambiente. Assim que o caixão foi aberto, Theo o fechou lentamente.

Monica apareceu no andar de baixo e viu Theo saindo do porão. Estava enrolada em um cobertor.

– ¿O que está acontecendo?

Theo estava com um sorriso diferente estampado no rosto. Ele encarou a moça de cima a baixo e soltou um assobio de elogio. Ao seu lado estava o enorme caixão de madeira.

– ¡Oi, gata! ¡É hora do Show!

(▶)

Rúbia amaldiçoou o excesso de confiança que a fizera subestimar o predador

escondido em sua casa. O urro distante a distraíra por poucos segundos. Aquele urro parecia atingir-lhe a alma tempo suficiente para que o assaltante fizesse sua arma escapar das mãos.

Rúbia empurrou o estranho e fitou seu rosto mais uma vez. Por um tempo ele pôde ver a dor naqueles olhos, a incredulidade de quem parecia estar vendo um fantasma e pode sentir a fúria daquela mulher, que arranjara forças para conseguir se soltar e desferir um golpe. Um tapa forte no rosto dele seguido do puxar de seu corpo. Era a vez de la Cuña fazer o estranho bater as costas contra a parede, vez de ele sentir a língua dela invadir-lhe a boca em um beijo cálido. Da respiração arfada de quem precisava sentir mais uma vez o sabor de seus lábios.

– Diga-me. Diga-me que é você. Diga-me que não estou enganada ou que estou morta em meu quarto com um tiro em minha cabeça. Diga-me...

Ela agora batia os punhos cerrados no peito daquele homem, sem afastar o corpo, sem se lembrar mais do urro escutado. As lágrimas desciam ao rosto e Juan sabia que ela não poderia reagir de outra forma se não aquela. Deixava que ela lhe batesse ao peito para depois de um tempo, vendo que os punhos dela já não batiam com mais força, a abraçar mais uma vez. Imobilizou-a entre seus braços, calando-a com mais um beijo para ter tanta certeza quanto ela, que ele estava de volta àquela maldita cidade.

No breve instante em que de la Cuña o pegou desprevenido e o fitou, no íntimo ele temeu por sua reação, pois não sabia ao certo se o sentimento que ela nutria durante sua ausência era ódio ou amor. Mas quando seus olhos se encontraram, teve a compreensão de que ela o amava sem reservas. E então sentiu que ela esmurrava seu peito como se para ter certeza de que era real. Viu as lágrimas lhe aflorarem aos olhos. Absorveu o impacto de seus murros, deixando que ela jogasse para fora toda a frustração acumulada dos dias passados em solidão. E a beijou novamente, calando seus soluços e suas lágrimas, seus tremores e anseios. E ao sentir a fome de seu corpo, não se conteve, pois ali soube que embora distante, e embora tivesse conhecido tantas mulheres em sua vida, esta era especial, pois algo se movia em seu íntimo quando a tocava, era a carne e além, a química perfeita entre seus corpos, era paixão e mais que isto, era o unir de coração e alma. Soube neste momento que a amava, que era por ela que ansiara longe, no leito desolado de outras mulheres, onde tivera o prazer do corpo e a ausência da alma. Sim, era um homem e se sentia assim, poderia dormir com muitas mulheres, mas neste momento, esta mulher era a única fêmea possível, a única capaz de satisfazer a ânsia e a voracidade de sua carne e preencher as lacunas de seu espírito.

Então, ele a apertou mais forte contra si, rasgou sua blusa e levantou sua saia, puxando-a ainda mais forte de encontro ao seu corpo. Ele a beijava, depois dela tanto esmurra-lo e implorar em suas palavras para ele dizer que não era um fantasma e que não estava morta. Reagia da mesma forma como reagira da primeira vez. A fome, o desejo latente dos corpos, resultavam no rasgar da blusa de la Cuña por ele e mais uma vez, o girar do corpo.

As costas de la Cuña encontraram a parede, seus seios se expuseram. A fome tomou conta do homem que ergueu sua saia e arranhava a pele quente com seus dentes. A pele da mulher, mesmo quente pelo desejo, arrepiava-se e logo era erguida pelos quadris. Ele mantinha-na presa contra a parede, deixando seu corpo inteiro devorar la Cuña que rebuscava o ar, que continha os gemidos a cada movimento forte feito por ele, fechando seus dedos delicados aos cabelos daquele único homem que ela realmente desejou e amou. Eles se completavam na voracidade de seus corpos, de seus anseios, e Juan podia sentir la Cuña o asfixiando com a outra mão, puxando sua cabeça para trás, afastando seus dentes, lábios e língua de seu seio. Beijava-o vorazmente e ele compreendia que ela assim o fazia, para que os gemidos saíssem abafados, que havia alguém hospedado na pensão e que não havia interesse desse alguém os interrompendo o reencontro.

As pernas dela o puxavam para dentro daquele corpo insaciável. Forçando-o a não parar. Ele seria capaz de fazê-la gritar de prazer se tivessem mais privacidade. Podia sentir o latejar daquele amor correspondido, que o sugava. Os

lábios carnudos que escapavam para rebuscar o ar. Relembrar do momento em que ele a tomou pela primeira vez. Do quanto ela se debateu tal qual cavalo chucro que se precisava domar. Da forma como ela se entregou e de como o amou. Da mesma forma como se entrega agora e o ama.

(▶)

Adriana del Pueblo não parava de andar de um lado ao outro. Não bastava o calor de Réquiem, agora essa chuva e todos esses arrepios, também ouviu um uivo muito alto vindo da montanha. Precisava sair, precisava de ar. ¿Mas o que seria isso? ¿Será que todos ouviram? Precisava sair, a Cigana Deborah estava mais perto do que imaginara. Os arrepios aumentavam a cada hora, precisava encontrá-la, sabia que ela teria respostas para suas dúvidas.

Ao sair pela cidade, Del Pueblo esbarrou em alguém, não conseguiu enxergar quem, a noite era sombria e o luar quase ausente, mas sentiu na pele algo muito arrepiante, talvez até difícil de explicar, subiu um fogo dentro de si. ¿Quem poderia ser? ¿Algum brujo? Mas del Pueblo não teve tempo para parar e descobrir quem era, precisava continuar a andar, precisava ver se aquele barulho era real ou algo de sua cabeça, precisava encontrar a Cigana também, ou não dormiria aquela noite.

Ao passar pela única praça no centro da cidade, viu um vulto sentado em um banco, as correntes douradas que caíam pelos cabelos eram a única coisa que conseguia refletir na escuridão da cidade. ¡Era ela! Aproximou-se e assim que sentiu sua presença, a Cigana levantou lentamente a sua cabeça, olhou del Pueblo nos olhos, os olhares brilhavam. Havia muito a falar, sabia que a Cigana trouxera alguma explicação ou não teria vindo de tão longe para encontrá-la.

Del Pueblo não imaginava em quem ela havia esbarrado, acabaria tendo uma grande surpresa, seu noivo se encontrava novamente na cidade, após longos vinte anos de sumiço, mas ele não conseguiu falar com ela, andava tão rápido, mal conseguiu vê-lo. Mal sabia ela que ele acabara sendo seu maior concorrente em todos esses anos. Enquanto ela emprestava dinheiro ao povo da cidade a juros altos, seu ex-noivo desaparecido cometia falcatuas e assim tomando também ainda o que restava de propriedades dos moradores de Réquiem. Danny Danny, sim, esse era o nome dele. O noivo fugitivo estava de volta e mal podia esperar para reencontrar Adriana del Pueblo.

Danny Danny estava muito diferente, ninguém mais o reconhecia, nem quando parou na pensão de Rúbia ela o reconheceu, foram os malditos anos e aquele horrível acidente nas minas. Transformou seu rosto e permitiu que agisse na calada.

(▶)

Monica estranhou o tom de voz e o novo olhar de Theo. Ele serrou os dentes em um largo sorriso, enquanto produziu alguns estalos alongando o corpo.

– ¡Caralho, como eu precisava disso!

Novamente ele observou a garota e esboçou uma aproximação.

– Nossa, você é bem melhor ao vivo. ¿Que tal agora deixar o assunto comigo, hein? Um homem de verdade?

– ¿Como assim, Theo? ¿O que está havendo?

De dentro do caixão, uma voz falou.

– ¡Não, Theo! ¡Não foi pra isso que você saiu! ¡Deixe-a em paz!

– Ora, ora. ¿Acho que agora é você quem não está em posição de exigir nada, não é mesmo?

O tom era grave e pesado, unido ao fato de parecer falar sozinho, transformou a figura de Theo em algo ameaçador para Monica.

– ¡Você está diferente! ¿Por que está falando sozinho?

– ¡Que bom que você não ouve a voz daquele chato agora! ¡Mas tudo vai ficar bem, não se preocupe!

Theo se aproximou da garota, que se afastou até ficar encurralada contra a

parede.

– Eu ouvi seus gemidos lá em cima durante horas, imaginando o que o babaca estaria fazendo. – Ele colocou seus braços ao lado da garota deixando-a sem escapatória – Fiquei pensando: *Se fosse comigo, ela estaria berrando.*

A sensação de medo fez Monica sentir vontade de correr ou golpear o homem que lhe parecia tão carinhoso e atraente. Porém o mesmo medo fez com que suas pernas ficassem moles e o desejo tornasse a aflorar de maneira inexplicável. Isso aumentou quando girou seu corpo com violência e ele prensou a garota de frente para a parede, não antes de jogar longe o cobertor que cobria seu corpo sedoso e cheio de volúpia. Ela se arqueiou e empinou o quadril para sentir com mais intensidade a investida diferente do homem que há pouco lhe proporcionara uma noite de prazer inesquecível. Monica estranhou o tom de voz e o novo olhar de Theo.

Novamente ele observa a garota e esboça uma aproximação.

(▶)

A chuva e o calor trouxeram para Réquiem o desejo e a volúpia e as mulheres da cidade sentiam-se incontroláveis. Queriam ser desejadas e essa ânsia era correspondida. O que uma das irmãs sentia na pensão a outra sentia no cabaré. Afastadas pelo ciúme e pelo orgulho, unidas pelo calor feminino que aflorava dentro de cada uma delas. O desejo de uma era o desejo da outra. Por isso, enquanto o homem misterioso devorava Rúbia incansavelmente, Monica sentia subir por seu corpo a fúria de uma mulher deixada para trás num momento em que sua libido fazia dela quase uma selvagem. Como aquele homem, Theo, ousara deixar Monica plantada ali seminua?

(▶)

Theo saiu com o caixão em suas costas e procurou se proteger do que não via. Não podia ser encontrado em Réquiem, não por aquela que urra nas colinas. Tudo o que ele menos precisava era encontrar-se com CRRIST.

– iQue Inferno! ¿Essa figura não vai parar nunca? ¿Até onde ela vai? ¿Até quando?

O que não sabia era que Danny Danny o observava também. Foi com o assobio de Danny Danny que CRRIST desceu da colina numa velocidade impressionante, fazendo a terra de Réquiem tremer. A mulher possuidora do mais tenebroso urro, estava ali a convite de Danny Danny. CRRIST viera executar uma importante tarefa que lhe foi encomendada.

– Muito bem minha garotinha, faça o chão desta terra tremer.

Sorriu sarcasticamente ao ver Theo se refugiar atrás de uma das casas abandonadas da cidade.

Ricardo e Marcio sentiram as cadeiras trepidarem no terraço onde conversavam.

– Mas que diabos é isso que está acontecendo? – indagou Marcio.

Sentindo a presença cada vez mais próxima, Theo se abriga ao lado de um barracão abandonado.

– Theo, precisamos impedi-la.

– ¿Você tá loco, seu bosta? ¿Impedir como?

– iEu não sei! Mas tem de haver um jeito! ¿Até quando vamos fugir?

– iAh, seu merdinha! ¿Vai dizer que pretende ficar nesta cidade? Vamos é fugir agora.

Depois que a terra tremeu misteriosamente, Theo começou a correr por um caminho deserto e escuro atrás do barracão, até que um raio caiu poucos metros a sua frente. A tempestade ficava mais forte. Dentro do caixão a voz tornava a falar.

– Eu não vou deixar. iNão dessa vez! iEla não vai deixar essa cidade de pé se fugirmos! ¿Quer que se repita o que houve em Butterville?

– ¿Você tá louco? iQuase me matou! iE se matou também!

– É melhor morrer te afrontando do que fugir que nem uma galinha.
– iEu tô preocupado é com a nossa pele!
A conversa foi interrompida por um novo e horripilante grito.
– iCorra, mas não para onde você estava indo, vá para perto das montanhas, longe das casas! Vamos atraí-la.
– iQue merda! Merda! iVocê e suas idéias!
Contra sua vontade, Theo retornou e seguiu na direção do sopé das montanhas.
Enquanto corria, sentiu a proximidade da comandada do Excomungador.
– iCaralho! iSe essa merda de mulher tá aqui só pode significar uma coisa!
– Sim, ele a deve ter conjurado.
– ¿O que faremos?
– iEnquanto não soubermos onde ele está, o melhor a fazer é nos afastarmos das pessoas o quanto antes!
– iVocê e seu altruísmo!
– iCala a boca e corre!
– Hey, o que você comeu? iTá mais pesadinho!
– iHá, há, há!
Theo se viu mais afastado e resolveu parar de correr.
– Theo, se prepara.
– Eu nunca tô preparado pra isso, cara.
– Se a gente tiver de voltar, será lutando.
Ele escutou passos rápidos demais. Alguma coisa estava correndo em sua direção.

(▶)

Monica vestiu-se rapidamente, o forasteiro não conhecia a cidade, não saberia aonde ir. Era melhor procura-lo e mostrar uma saída segura. Réquiem sempre teve seus mistérios, mas aquele ar a deixava apreensiva, sabia que algo estava para acontecer. Um pouco antes de sair, lembrou-se da espingarda.
– Seja lá o que for, estarei armada.
Saiu em direção das montanhas.

(▶)

Juan sentiu que ela se entregava e se abria por inteiro com o corpo em espasmos incontrolláveis de prazer, abafando os próprios gemidos, beijando-o insaciavelmente. Sentia o calor de sua carne macia emanar para si e lhe correspondia os movimentos. Passeou suas mãos fortes por todo seu corpo aveludado, sentindo o imenso prazer de lhe tocar. Sentiu que ela agarrava fortemente seus cabelos e enlaçava com as pernas seu quadril, puxando-o mais para dentro, como se enfim pudessem se fundir em um só corpo. Soube que esta era a única fêmea que encontrara capaz de satisfazer plenamente seus mais recônditos desejos carnis, ao mesmo tempo em que apaziguava a sua guerra interior. Unido em êxtase àquela mulher, enfim aquele abrutalhado perdera o controle de si mesmo e seus olhos se umedeceram, pois voltou a ser simplesmente um ser humano. Abraçou-a fortemente, respirou seus cabelos, sentiu plenamente seu corpo. Sim, enquanto estava com de la Cuña, o tempo parecia parar. Percebeu então que ela fora o motivo implícito pelo qual ansiara retornar àquela maldita cidade, e disse para si mesmo que não importava mais as dificuldades ou os inimigos; não, ele pensava, desceria aos Infernos para salvar esta mulher e estar com ela se fosse necessário, nada mais importava apenas de la Cuña. Apertou seus seios, escorregando a mão por suas costas e prendendo suas nádegas, auxiliando-a em seu vai-e-vem, onde seus corpos procuravam enlaçar-se em uma entrega total...

(▶)

– ¿Theomagus, até onde você pretende ir com isso meu querido?

A voz no escuro era quase sussurrada. Acompanhada da silhueta de uma mulher vestida em trajes de gala. Um *blaiser* e uma camisa com uma gravatinha borboleta.

– ¡CRRIST! ¡Nossa! ¡Que coincidência, você por aqui!

Theo simulava um sorriso de cordialidade, coçando a cabeça, sem chapéu dessa vez, fingendo-se de desentendido.

– O Inferno tem regras, meu caro. E você quebra todas elas a cada instante. ¡E não é só você!

Theo se afastou um pouco, talvez tentando ganhar tempo.

– ¿O quê vocês ganham com isso, hein? ¿Se unindo? ¿Criando cidades? ¿Que palhaçada fantasiosa é essa, querido?

A voz do caixão falou e podia ser ouvida pela sinistra mulher.

– ¡Temos esse direito! ¡Enquanto nossa vontade deixar!

– Preciso concordar com o homi. ¡Essa porra já é sofrida demais para que deixemos vocês nos punirem o tempo todo! ¡A gente tem de se divertir!

A mulher meneou a cabeça.

– Tsc, tsc. ¿Theomagus, você fugiu do Círculo da Dissolução, estava tão perto do fim, e tudo para quê?

Theo ficou parado próximo a uma enorme árvore morta, enquanto o caixão sussurava.

– Ao meu sinal, você pula e se agarra ao galho.

A mulher caminhava lentamente e um brilho vermelho começa a circundar seu corpo.

– Ah, se eu não seguisse as regras, já teria te devorado no mesmo dia em que fugiu.

– ¡PULA!

Theo deu um salto gigantesco para cima e se agarrou em um espesso galho a alguns metros do chão. No mesmo instante uma fenda enorme se abriu. De lá saíram labaredas de fogo e braços de almas castigadas, que devoram instantaneamente a garota. Assim que ela caiu, o buraco se fechou e Theo se soltou.

– Isso nos dará tempo até encontrarmos o Excomungador.

A chuva começou a diminuir de intensidade. Theo sabia que os moradores precisam ser poupados de muitas coisas para que continuassem a viver suas vidas ali, mas, dessa vez, o confronto seria inevitável.

(▶)

Ambos se entregavam. Moviam seus corpos se unindo cada vez mais. O corpo dela inteiro se arrepiava de prazer, já estava quase impossível conter os gemidos nos beijos vorazes e mordiscados. Seis anos de solidão pareciam desaparecer e seus corpos molhados de suor e chuva deslizavam em seus moveres. De la Cuña rebuscava o ar. Deixava as unhas cravarem ao pescoço daquele homem que incendiava sua libido. Apertava mais ainda os nós dos dedos aos cabelos dele, deixando os dentes do forasteiro arranharem seu queixo, deslizarem para seu pescoço. Logo não existia mais parede ou chão enquanto ele a deitava, a tomava naquela voracidade, arrancando a mão de la Cuña de seu pescoço, mesmo que isso significasse profundos arranhões que ficariam marcados em sua pele. Não importava. Nada mais importava, enquanto ele acabava de arrancar a roupa da mulher que o levava para aquela cidade mais uma vez. Assim como ela não pensava mais nas possibilidades do único hóspede da casa flagra-los.

Danny Danny não estava na casa, havia saído sem Rúbia perceber. De la Cuña arrancava as roupas do forasteiro, deixando suas pernas torneadas deslizarem pela lateral do corpo dele. Ele a invadia, cada vez mais forte e ele podia ver que ela continha os gritos, mordendo os próprios lábios carnudos. Arranhando as costas dele naquele momento, erguendo o quadril e não sentindo o chão amadeirado, tentando aplacar o calor daqueles corpos.

– Canalha – sussurrou entre gemidos lascivos, puxando-o mais ainda para

ela com suas pernas – Desgraçado.

De la Cunã ergueu parte do corpo, buscando aqueles lábios, mordendo-os, sorvendo-os e sussurrando.

– Você está aqui. – um suspiro de puro prazer escapava daqueles lábios.

– Sim, voltei – sussurrou Juan entre uma respiração e outra – porque não podia mais permanecer longe. Precisava estar aqui, dentro de você. Ter você todinha, gemendo de prazer, louca por mim, como uma fêmea desvairada no cio, pedindo mais e sempre mais. De la Cuña movimentou-se maliciosamente por baixo dele com movimentos circulares.

– Sim, eu quero mais – provocou de la Cuña – vem com vontade, vem. Faz de mim tua mulher, tua fêmea, vem...

Sim. Ele havia voltado, confessava que sentira falta de algo mais. Ela sorria, lasciva, tão diferente do quadro que Don Ricardo de la Vega Sopave pintava dela. Movia-se, chamava-o para que a tomasse mais uma vez e ele a tomava, fazia se contorcer de prazer. Desejava prolongar aquele reencontro, aquele momento o máximo que pudesse, mas ela sabia como o provocar.

Subiram as escadas e entraram no quarto dela. Logo a porta batia as costas dele e agora podia devora-la com vontade. Ninguém mais veria. Tampava-lhe a boca para os gritos dela não escaparem. Metia com força, enquanto ela o puxava mais e mais para dentro dela. Jogava-a na cama, deixando-a de quatro, amordaçando-a, segurando seus cabelos, enquanto a tomava por trás e os gritos dela escapavam, abafados pela mordida. Gritos de prazer e dor que ela não negava a ambos. Juan deixava-se tomar por aquele instinto bestial, enquanto ele também urrava de prazer. Ambos atingindo um gozo violento e tombando à cama. Ela não recuava. Pelo contrário. Todo aquele momento, ela se entregou por completo a ele e quase sem forças, desamarrava a mordida daqueles lábios, depositando um beijo e murmurando.

– É a ti que desejo. Que sempre desejei.

Juan sentia o aroma dela, naquela pele suada da luxúria que os dominara e sorria ao ver que ela mal conseguia abrir os olhos. Ainda tendo espasmos de prazer, gemendo baixinho, quase sem forças. O quarto dela não mudara em nada. Será que... Juan se ergueu com cuidado, aproximando-se da cômoda. Abriu a gaveta e sorriu. ¡Sim! Ela havia guardado suas *Peacemakers*. Isso significava que o camafeu ainda podia estar guardando, deduziu. Mas resolveu deixar suas conjunturas para o dia seguinte. No momento estava de volta a cama de la Cuña.

Voltou seus olhos para a mulher nua na cama, suada, recuperando-se de sua lascívia. Aquele corpo que desejara por tanto tempo, ao alcance de suas mãos, de seus lábios, e de seu membro. *Não, pensou, não posso deixá-la agora, outras coisas podem esperar*".

Nada podia agora romper esta magia, este momento de trégua em suas atribuladas vidas. Neste momento, vendo os contornos das nádegas firmes da mulher, de seus cabelos soltos derramados pela cama, os braços estendidos como se abraçando o colchão, lembrou os gemidos dela e sentiu que já se erguia novamente. Esta noite valeria por todas as noites ausentes e solitárias, por cada momento que queimara de paixão em lugares distantes, que a procurara nos braços e seios de outras mulheres. Neste momento se fartaria na volúpia desta que enlouquecia seu corpo e sua mente. Aproximou-se, cobrindo-a com seu próprio corpo, procurando novamente o calor de sua carne. E ela sorrindo, ainda de olhos fechados, sussurrou.

– ¿Por que você demorou tanto? – sorria, mesmo que ainda estivesse se recuperando das primeiras horas.

Juan sorria de modo cafajeste, mordiscando os lábios da mulher amada, cobrindo-a com a luxúria que o queimava e ela o correspondia nas horas que se seguiram.

De la Cuña saciava a fome que a consumiu durante os longos anos que ele estivera ausente e apenas com os primeiros raios do amanhecer, após uma longa noite que deixara marcas pelos corpos de ambos, é que Juan pode sorrir em sua exaustão, vendo que de la Cuña finalmente fora derrotada pela exaustão de prazeres intensos e orgasmos sem tréguas.

Era a primeira vez durante anos que a Pensão RIP e seus hóspedes, não teriam a bela mulher como companhia no café da manhã.

O camafeu se mantinha firme à fita negra que adornava o pescoço de la Cuña e com cuidado Juan o abriu, podendo mais uma vez deslumbrar o segredo contido em seu interior.

(▶)

Theo sentiu vertigens e se apoiou na árvore logo depois que conseguiu se livrar daquela mulher, mesmo que momentaneamente. Ele, por algum motivo, parecia fraco.

Quando deu por si, percebendo as últimas gotas de chuva caindo, viu Monica apontando um rifle na direção onde aparecera a clareira de fogo.

– ¿Monica?

– ¡Ah, caralho! ¡Mulher teimosa! ¡Ela viu! ¿E agora?

– Eu não sei. Estou fraco.

A garota parecia perdida, tentando entender o que acontecera.

– Theo, logo vai amanhecer.

– ¡Eu tô fraco também cara!

Ele tirou o caixão das costas, que caiu ao chão enquanto se sentava.

– ¡Você não pode ficar ai!

– ¿Se eu pudesse me mexer, você acha que eu estaria aqui ainda, seu merda?

Monica abaixou a arma e andou cautelosa na direção de Theo e seu caixão.

– ¿O-o que era aquilo?

Com dificuldades para falar, Theo observava a garota e esboçou um sorriso irônico.

– Fogos de artifício, querida. Só isso.

– ¡Eu... eu... eu vi um buraco enorme abrir no chão! ¡Eu não estou louca! ¡Tinha fogo e uma mulher caiu lá dentro!

– ¡Saco!

– ¡Theo! ¡Pede pra ela te levar para o salão! ¡Mas não seja rude! ¡Finja que sou eu!

– ¡Eu não quero parecer um babaca que nem você! ¡Se liga!

– Com quem está falando?

– ¡Oh, neném, vem cá ajudar o titio, vem!

Monica auxiliou Theo a caminhar enquanto ele puxou o caixão por uma corda.

– ¿Ai, você não pode deixar isso aí?

Ele olhou para a enorme caixa de madeira e não conteve a risada.

– Olha docinho, vontade é o que não me falta.

– ¿O que tem nesse caixão?

– ¿O que? ¡Há, há, há! ¡Você vai saber logo!

– ¡Theo, não deixe ela ver!

– ¡Sabe, tenho um amigo que não gosta que as pessoas saibam de algumas coisas sobre ele, mas eu não sou assim não! Eu mostro tudo! ¡Há, há, há!

– ¿Mostrar o que?

– Oh, neném, se eu não estivesse tão destruído eu ia te mostrar outras coisas mais interessantes.

Eles chegaram ao salão com o Sol ameaçando nascer. O dia estava preste a surgir quando Theo e Monica deixaram o caixão novamente no porão.

Theo percebeu os primeiros raios da manhã aparecendo por frestas do assoalho.

– ¡Que droga! Aqui não vai ficar tão escuro durante o dia. ¡Você deu sorte, amiguinho!

– ¡Peça para ela sair, Theo! Ela não vai entender.

– ¡Ah, depois você se vira!

– Disse alguma coisa?

– Olha, eu estou odiando essa conversa cruzada. Querida, já, já você vai

falar com o seu amiguinho. Agora eu preciso descansar.

– ¿Como assim?

Monica ficou parada, um pouco afastada do local onde Theo encostou o caixão. Sem dizer mais nada, ele abriu lentamente a tampa.

(▶)

Enquanto a porta do caixão se abria lentamente, CRRIST percorria o mundo por onde foi jogada através do buraco. Ela não podia permitir que Theo ficasse no controle das coisas.

A mulher com olhos cor de prata e cabelos de fogo, percorria por todos os lados em busca de um portal que a levasse de volta à Réquiem. Seu uivo era ensurdecidor, mas ninguém a ouvia mais. Suas garras afiadas escavavam ferozmente a terra, mas ela ainda estava longe de conseguir o que queria.

– ¡Não vou permitir que você me impeça de fazer o que tenho de fazer, Theo! ¡Você não sabe do que sou capaz. Iiiiiieeeeeaaaa!

O grito soou por todos os seus poros.

– Malditas irmãs! Maldito Theo! Estarei no sonho de vocês e em cada passo que derem eu os seguirei.

(▶)

Em um canto obscuro da cidade, um homem caminhava pelas ruas sorrateiramente. Ele sabia que algo estava errado.

– A CRRIST parou. ¿Por quê?

Ele tirou uma Bíblia do seu casaco e abriu-a no meio.

– ¿Será que ela já o obliterou? Foi tão rápido.

Ele colocou a mão esquerda em cima das páginas e começa a recitar alguma coisa incompreensível.

– Não. ¡Ela não está mais aqui! ¡Maldito! Agora vai demorar algum tempo para que eu consiga trazê-la novamente.

Ele fechou o livro e guardou-o cuidadosamente.

– Pior. Ele deve saber que estou aqui. ¡Que merda! Justo o Theomagus. Já está amanhecendo, talvez seja melhor eu voltar para a pensão de la Cuña.

(▶)

Enquanto isso, Monica caiu sentada ao presenciar algo extremamente inusitado e inexplicável. O tom da pele de Theo tornou-se mais claro. Parecida com aquele que tinha no dia anterior. A postura mudara. A figura há poucos instantes parecia mais musculosa e agora se tornou mais esbelta, de um aspecto um pouco mais frágil. Eram mudanças sutis, mas Monica percebeu claramente que algo mudara nele.

Dentro do caixão havia alguma coisa que Monica não conseguira identificar, mas era escuro. Theo fechou-o logo em seguida, portanto, não teve muito tempo para olhar.

– ¿O que está acontecendo? ¿Pode me explicar?

– Monica...

Theo chamou seu nome sem virar-se para trás. Ele passou a mão pela tampa do caixão.

– ¡Valeu cara! Descanse um pouco.

– ¡Ah, vá se foder, Theo!

Monica soltou um pequeno grito de espanto.

– O... O...

Theo se virou para Monica. Ela estava apontando para o caixão com um olhar de assombro sem igual.

– ¡O CAIXÃO TE XINGOU!

(▶)

– Del Pueblo, sabia que viria a meu encontro – Disse a cigana sem levantar os olhos, mas sabendo exatamente quem está a sua frente.

– ¿O que quer, por que voltou? – perguntou aflita del Pueblo – ¿Finalmente vai esclarecer as coisas, Cigana? ¿Vai enfim dizer por que nada deu certo?

– Não deu certo por que você mentiu del Pueblo – respondeu a Cigana irritada. – Você me disse que se ele se casasse com você não iria interferir no destino de outras pessoas, você me disse que o amava, que precisava dele para viver. Você mentiu, você nunca o amou de verdade, queria apenas tê-lo, ser a vencedora de uma disputa idiota e por sua culpa eu quebrei as regras. Sabia que não poderia fazer o feitiço se você não o amasse de verdade, me convenceu que o amava, me convenceu a fazê-lo se apaixonar por você, e tudo isso por nada. Fui expulsa de meu povo, rejeitada por minha família e hoje vago neste mundo por sua culpa.

De repente, a Cigana levantou a cabeça e olhou para del Pueblo com se não soubesse que ela estivesse ali, como se saísse de um transe e não lembrasse das coisas que dissera há pouco. Confusa, olhou para del Pueblo e perguntou:

– ¿Que estou fazendo aqui novamente?

Nesse momento del Pueblo se esforçou para conter o sorriso mas foi impossível conter o pensamento. *Ela inda não está recuperada, parte de meus segredos estão a salvo por enquanto.*

(▶)

Juan Ronald abriu cuidadosamente o camafeu de la Cuña e contemplou o segredo que ela guardara por tanto tempo. Ela ainda dormia a sono solto, e no primeiro suspiro que deu, suspeitou que acordaria, então rapidamente fechou o camafeu e afastou-se para a janela.

Amanhecera um céu cinza e escuro, como se a tempestade da noite anterior estivesse apenas dando uma trégua, para mais tarde recomeçar a cair. Conhecia Réquiem muito bem para saber que na noite que se passara algo acontecera. E que o mal se espalhara novamente, procurando por suas vítimas. A sua luta estava para começar. Então ouviu a voz de Rúbia atrás de si.

(▶)

Depois de uma longa explicação que durou a manhã inteira, Theo ficou olhando para Mônica, tentando imaginar o porquê de tanta tristeza e um olhar vago. Esperava qualquer reação, gritos, acusações de loucura, mas não esse olhar em busca de algo do lado de fora da janela.

– Eu não imaginei que iria ter essa reação – falou Theo quebrando o silêncio.

– ¡Tudo que eu vivi até hoje foi uma mentira! – Monica disse sem olhar para Theo.

– ¡Nada disso, mesmo que esteja aqui, você viveu sim!

– Não sabia que quando te servisse aquele vinho a minha vida ia mudar. Eu pensava que iria embora. Que eu nunca mais ia te ver.

– E um costume estranho esse seu.

– ¿Qual?

– De dormir com homens que nem conhece.

Monica balançou a cabeça em negativa.

– Tem todo um motivo para isso. Na verdade você foi o meu único homem nesses seis anos depois... – uma lagrima interrompeu sua fala.

– ¿Depois?

– Depois que meu filho desapareceu.

– ¿Como assim filho? – Theo perguntou assustado.

– ¡Ué, filho!

– Mas... Nasceu da sua... ¿Barriga? – Theo gagueja.

– ¡Claro que sim! ¿Como acha que as crianças nascem?

– Mas... ¡Você está viva!

– Supostamente, sim...

- ¿Onde ele está agora?
- ¿Ele? Não sei, não sei nem se está vivo, não sei por qual motivo eles foram levados.
- ¿Eles?
- Sim, foram dois meninos nascidos com intervalo de algumas horas.
- ¿Um seu e o outro de quem? ¿Essa mulher morreu não é?
- ¡Não! Deixa eu te explicar tudo do começo. Acho o melhor a ser feito.
Monica respirou fundo e começou a falar.
- Bem, eu tenho uma irmã gêmea, a Rúbia de La Cuña, e éramos apaixonadas pelo mesmo homem..Aconteceu de um dia ele vir até a mim e eu não perdi a oportunidade, mesmo sabendo que ele era namorado de minha irmã fiquei com ele. Com o passar do tempo, o inevitável aconteceu, nós duas engravidamos. Do mesmo homem. Nossa madrinha nos colocou para rua, cada uma com uma casa dada por nosso pai, que nem temos idéia de quem seja. Fizemos nossos próprios negócios e sobrevivemos. Quando nossos filhos pararam de mamar no peito, eles simplesmente sumiram, como Juan, o pai deles. Não sei se ele tem alguma ligação com o desaparecimento. Só sei que desde então eu e Rúbia somos rivais em tudo.
¿Lembra dos dois homens que estavam na taberna quando chegou?
- Lembro, sim.
- Então, eu tinha um leve interesse pelo Don Ricardo, mas quando vi a forma que falava de minha irmã entrei em pânico. Olhei para você e pensei, é atraente e misterioso, não tem nenhuma ligação com minha irmã e nem vai ter, vai embora assim que...
- Agora que sei disso tudo eu não posso e nem quero ir embora. - interrompeu Theo.
Monica levantou-se e ficou de costas para ele.
- Precisamos descansar, ainda não dormimos.
- Eu creio que depois do que você falou, não vou conseguir dormir. ¡Não tão cedo!
- Bom... Você sabe onde fica seu quarto. E eu preciso de um tempo sozinha para digerir tudo que me falou.
- ¡Oh neném, se quiser tem bastante espaço aqui dentro!
- ¡Theo, manda esse caixão calar a boca!
- Ah, infelizmente eu não posso. Bem que...
Theo, enquanto exibia um sorriso singelo na direção do caixão, parou de falar e virou seu rosto vagarosamente para Mônica. Ela o viu engolindo seco. O pequeno voto de silêncio foi respeitado inclusive pela voz tagarela do caixão.
- ¿O que foi?
- ¿Theo, puta merda, você tá vendo?
- Sim.
- ¿Vendo o quê?
- Nada, Monica, por favor, é melhor que você vá descansar.
- Tem razão. Além do mais, eu já tive explicações malucas demais por um dia. Se me dão licença.
Monica subiu as escadas e saiu do porão.
- ¿Theo, e agora? ¿Será que é isso mesmo?
Theo colocou as duas mãos no rosto, demonstrando que algo fora percebido por ele e pelo caixão.
- Isso explicaria porque ela começou a te ouvir.
- ¡Caralho, mas é muita coincidência!
Theo ficou em silêncio. A luz do Sol que entrava pelas frestas aqueceu seu rosto. Recarregando suas forças.
- Talvez não seja.

(▶)

Sua cama estava fria, naquele amanhecer e um pouco temerosa abria os olhos, pensando se fora apenas um sonho que tivera. Juan era deslumbrado e de la Cuña suspirou com um sorriso singelo nos lábios. Não havia sido um sonho, ele

realmente estava ali, em pé à janela, observando um novo amanhecer em Réquiem.

– ¿Sem sono? – falou dengosa, se espreguiçando.

Juan suspirou e sorria de modo fraco, sem olhar para trás. Mesmo tendo certeza de que o mal se espalhara e de que sua luta apenas se iniciara, ele sabia que ambos teriam que procurar Monica.

– ¿Juan, – de la Cuña suspirou – para onde você levou nosso filho?

Por um breve momento Juan sentiu o sangue fugir de suas veias. Seu corpo gelou com aquela pergunta que sua amada lhe fizera.

– ¿Juan?

Ela chamava seu nome mais uma vez. Não havia raiva naquele tom de voz, não havia acusações. Ela queria apenas saber onde estava aquele que foi grande motivo de alegria para ele.

– Eu... Não sei – confessou em tom baixo, abaixando o olhar.

Ele retirara seus filhos de Réquiem, pois um grande mal se abateria sobre eles e as irmãs. Talvez elas tivessem mais chances sem eles por perto. O coração de la Cuña se apertava com aquela notícia e Juan respirava fundo. Sabia que ela sofreria com isso, mas não poderia dizer que em sua tentativa de salvar os filhos, os condenou a cair nas mãos de alguém implacável.

Seus pensamentos estavam tão obscuros naquele momento, mal pôde sentir quando de la Cuña se aproximou e o abraçou por trás. Por um breve momento seus dedos resvalaram ao abdômen da mulher e Juan girou o corpo, sentindo seu coração acelerado, olhando de la Cuña com um misto de alegria e temor.

(▶)

Bem, pensou Del Pueblo, já estava amanhecendo e a louca dessa Cigana perde a memória na hora que iria me falar algo. Fui obrigada a conter o riso diante desse desvario dessa mulher, ela bem sabia o quanto era importante que eu a encontrasse para enfim poder revelar o que fez meu noivo Danny Danny ir embora e me largar no altar há vinte anos, aliás, ela sabia de tudo, inclusive que eu mantinha a dívida da de la Cuña ativa só para poder me vingar, mas que nunca conseguia tomar a pensão dela. iSim, tudo ela conseguiria me explicar, se não fosse essa maldita memória! Ela não sabia que na verdade seu feitiço poderia ter dado certo, como ela mesma disse, não deu porque eu não amava o Danny, mas após ele me deixar no altar e pude ver o quanto o amava, sim, não sabia até o aquele momento, mas enxerguei claramente quando ele foi embora. iEssa era minha maior angústia, o feitiço não ter funcionado, mas eu o amava, amava sim! E precisava falar isso a Cigana e saber dela o que aconteceu, o porque não deu certo o feitiço. Algo muito sério tinha acontecido, parecia que todos dessa cidade estavam enfeitiçados, uivos no meio da noite, uma movimentação constante àquela hora da madrugada, pessoas sorrateiramente andando pela cidade, inclusive Monica, sim, eu havia visto enquanto ela andava de arma em punho, como se procurasse por alguém, mas nem fui atrás, estava mais preocupada em encontrar a Cigana.

Olhou para ela e a sacudiu pelos ombros.

– iConte-me tudo, Cigana maldita! iConte-me agora o que deu errado, não finja mais, sei que você se lembra!

(▶)

Juan viu nos olhos de la Cuña toda a amargura e sofrimento pela perda e separação de seu filho, vividos junto à solidão que sentira ali naquele lugar maldito, longe dele e de seu filho, uma criança inocente levada há tempos da mãe, como também o filho de Mônica, a fim de proteger todos, tanto às crianças quanto às suas mães.

Olhando agora em seus olhos, após uma noite que lhe proporcionara tanto, como poderia dizer que as crianças foram levadas. Seqüestradas por algo ou alguém? Não, não poderia dizer. Sempre foi um homem bruto e valente, sabia lidar

com outros de sua espécie quando sacava sua arma e seus punhos, mas não estava preparado para dizer à mãe de uma criança que lhe confiara a guarda, que ela fora perdida.

– Tenho coisas a fazer agora, mulher. – disse rispidamente para de la Cuña
– Teremos outra hora esta conversa. Até lá, deixa-me em paz.

De la Cuña o observava bem, sabia que escondia algo, mas se assustou com sua súbita mudança de humor. Antes que pudesse dizer algo mais, ele se desvencilhou de seus braços e saiu em disparada. Ouviu em seguida o bater da porta principal de sua pensão. Ele se foi. Mas sabia que estava na cidade e que voltaria à sua pensão. Deixaria as coisas assim por hora. Mas o colocaria em breve contra a parede. Ele tinha que lhe dizer o que sabia.

(▶)

Juan saiu para a rua e olhou para o céu. *Um dia sombrio numa cidade sombria*, pensou. E seus pensamentos voltaram à época de sua fuga de Réquiem. Achou que fizera o melhor à época, mas enganara-se. Fora vítima de uma cilada, um plano engenhosamente arquitetado por algo ou alguém que controlavam Réquiem. Quando fugira com as crianças, contratara uma babá para lhe ajudar, pois como um cavaleiro do oeste poderia sozinho controlar e cuidar de duas crianças e ainda protegê-las e sustentá-las? Mas caíra numa armadilha. Chegando aos limites da região onde Réquiem era apenas a lembrança de um lugar distante, maldito por viajantes e aventureiros, encontrara abrigo em um rancho onde fora contratado como chefe dos cavaleiros e ali passara a viver em uma casinha na pequena vila de trabalhadores do rancho. Até que um dia, quando voltava do trabalho, percebera o incêndio iniciando na sua casa. Adentrara correndo às cegas, e ali encontrara na sala, a babá morta, e as crianças desaparecidas. Como este alguém ousara raptar seus filhos? Iniciara, então, uma caçada sem tréguas, buscando informações por todo o vilarejo, no rancho e nas estradas sobre forasteiros e habitantes do local. Fora seguindo todas as pistas, descartando uma a uma, até que surgiram pistas concretas sobre dois homens obscuros que foram vistos naquelas bandas e que se separaram próximo a uma estalagem à beira da estrada. Testemunhas o informaram que o primeiro deles era alto, forte e truculento e era quem transportava as crianças, mas sumira em uma madrugada sem deixar vestígios. Ninguém soube precisar a direção que tomara. Quanto ao outro, este caminhara na direção dos ventos errantes, na direção de Réquiem.

Juan olhara ao seu redor. Em Réquiem não haviam inocentes. Mas dentre todas as almas que ali estavam, alguém fora responsável pelo seqüestro de seus filhos, e iria pagar por isso. Agora, queria apenas recuperar sua vida. E enfrentaria quem quer que fosse para recuperar seus filhos e sua vida. Como encontraria aquele que viera para Réquiem, e fora o responsável, ou ao menos o colaborador do seqüestro de suas crianças? Não sabia bem por onde começar. Só tinha uma pista: as testemunhas disseram que o homem era magro, estranho na aparência e carregava um suspeito objeto por todo lugar que ia: um agourento caixão.

(▶)

Monica jazia adormecida no andar de cima. Theo, ainda sentado ao chão de terra seca, naquele porão mal iluminado. Parecia sair de um transe reflexivo. Com a ponta dos dedos começou a traçar um diagrama no chão, fez alguns círculos e ligou-os através de linhas. Em cada círculo ele escreve um nome. O desenho completo forma uma espiral de círculos ligados por linhas.

Centurion, Catterpillar, Stoogeland, Lazytown, Butternville, Ivygard e Réquiem.

Ele fez uma espécie de "X" sobre os círculos de Lazytown, Butternville e Ivygard.

– iÉ ISSO!

– iAh! iVai assustar sua mãe, seu filha da puta! iVá pra merda! iPutas que te pariu! Caral...

– ¿Lembra quando passamos por Lazytown, antes de caírmos?

– iEu não vou lembrar de porra nenhuma agora! iMe deixa descansar!
– iHavia lá o boato de que Ivygard teria sido destruída! Sem motivos aparentes.

– Blá, blá, blá. Conversa com a minha mão, Theo.

– Depois que escapamos e ficamos deste jeito que estamos agora...

– O que é um caralho de ostra, diga-se de passagem.

– ... passamos por vários caminhos até que aparecemos em Butterville.

– Bando de balofos, quando eu ficava do lado de fora eles não me deixavam nem chegar perto da comida deles! Tiveram o fim que mereceram!

– CRRIST apareceu e nós pensávamos que estava a nossa procura, mas ela não nos seguiu!

– ¿E o Kiko?

– Daí que Butterville foi destruída. Depois nós continuamos e percebemos que Ivygard era apenas cinzas.

Theo voltou a traçar linhas simulando um caminho.

– iEntão, voltamos a Lazytown e não existia mais nada!

– Maior rolê pra porra nenhuma.

– O centro da espiral é a nossa sede. Fica logo após Réquiem. iDo modo que criamos isso não teria outro caminho!

– iTá, onde quer chegar! iFala logo que eu tô cansado!

– iEra para esta cidade ser dizimada! Deveria ser a primeira!

– ¿Ah é? Oh, gênio! ¿E por que não foi?

Theo olhou para o teto do porão.

– Talvez o que aconteceu com aquela moça seja a explicação.

– iTá bom, sabichão! iVai dar uma volta e me deixa em paz! iOu sobe lá e dá mais umas com aquela piranha!

– iPode deixar, você com sono nem eu agüento!

Theo saiu do porão e caminhou para a saída do salão. Não havia ninguém para atender, nem funcionários para servirem os fregueses. Ele abriu a portinhola e saiu esperando respirar um pouco de ar.

Na rua, lembrou-se da irmã que Monica disse ter. Ela também teve um filho na mesma época. Com Monica dormindo, Theo poderia procurar por informações com a moça.

Como ele era ainda desconhecido, tirou do seu bolso uma estrela de *sheriff* prendeu-a na lapela do sobretudo. *Bom, antes tarde do que nunca se ela acreditar que a justiça está atrás de quem seqüestrou seu filho*, pensou. No caminho encontrou um homem de andar desnorreado.

– iSenhor, bom dia!

– Bom dia.

– Poderia me informar onde fica a residência da senhorita de la Cuña?

O homem fitou Theo por vários instantes e, vagarosamente, colocou a mão para trás, buscando alguma coisa.

– ¿E da parte de quem, senhor?

Theo improvisou uma desculpa.

– Souerr.... hm... iSou o novo *sheriff* da cidade!

Ele colocou as mãos na cintura, abrindo o sobretudo e exibindo a lustrosa insígnia falsa. Theo se lembrou nesse instante que não possuía arma de fogo para exibir com o gesto. O homem serrou o olhar e, antes que Theo se concentrasse para acompanhar sua rapidez, sacou um revólver e atirou na direção do falso *sheriff*. A mira foi certa, na direção da cabeça, mas por algum motivo a bala desviou e atingiu o chapéu de Theo, bem no topo.

– Pelo visto não gosta de *sheriffs*. Era um chapéu novinho – comentou Theo enquanto tirava o chapéu e observava o enorme buraco feito pela bala.

– Geralmente dessa distância ninguém erra, muito menos eu. Você tem sorte, forasteiro.

Dando uns tapas no chapéu e ajeitando-o na cabeça, Theo respondeu num tom irônico.

– É, sei que tenho sorte. ¿Mas e você? ¿Será que tem?

Um balde com água caiu na cabeça do homem. Fazendo-o com que

cambaleie de um lado para o outro gritando palavras incompreensíveis.

– iDesculpa moço! Eu tava lavando aqui em cima e esbarrei sem querer no balde! O senhor tá bem?

– iEle está, sim, senhora! iNão se preocupe! iFoi só orgulho ferido!

O desnortado homem com balde na cabeça finalmente conseguiu tirá-lo. Enxugou o rosto com uma das mãos, mas tudo o que consegue é tirar um pouco do excesso de água que escorria pela sua frente.

– Acho que começamos errado, senhor.

Sentindo o sangue esfriar, talvez pelo balde de água fria na cabeça, o homem guardou a arma.

– Me desculpe, *sheriff*, é que eu não tolero a idéia de homens procurarem pela minha mulher. ¿Onde eu estava com a cabeça?

O homem torceu o chapéu tentando seca-lo um pouco.

Theo percebeu que sua imposição de personalidade começa a surtir efeito na realidade em volta. Em instantes a crença de que ele seja o verdadeiro *sheriff* da cidade se concretizaria, inclusive as pessoas se lembrarão dele como se ele realmente fosse.

Era por isso que Theo não costumava a ficar muito tempo no mesmo lugar, os habitantes sempre começam a incluir os forasteiros no seu ambiente, fazendo uma simbiose.

– Tudo bem, amigo. Mas me deve um novo chapéu.

Theo aproximou-se para cumprimentar o homem. O qual prontamente se apresentou.

– iJuan, ao seu dispor, senhor!

(▶)

Por um longo tempo Juan a olhou nos olhos, mas seus olhos se transformaram assim como seu humor, depois que ela perguntou a ele sobre o filho do casal. Ele a afastava e se retirava. Batia a porta do quarto e depois da pensão. La Cuña sentira seus sentimentos escaparem com aquele fugir. Ele voltaria. E talvez, da próxima vez, eles não parassem na cama e adiariam a conversa.

A mulher espreitara pela janela do quarto a saída do homem e logo os olhos dela podiam vislumbrar um estranho e pálido encontrando Juan. Seus olhos semicerram ao ver a reação do amado e os fatos que sucederam. De um momento em que Juan quase matara o homem que estava à frente dele, para outro em que ele se apresentava cordialmente. De la Cuña tinha certeza de que não havia visto aquele homem em Réquiem e isso a fez se afastar da janela, caminhar até o móvel e abrir a gaveta. Seus olhos se mantinham fixos nas roupas reviradas. Juan não tinha voltado apenas por ela. Havia algo mais em seu retorno e isso fez com que a dona da pensão colocasse seu corselete negro, assim como uma calça de mesma cor. Um estalo ao ar e a ultima testemunha, que era o espelho do quarto, pode vê-la vestida sem suas usuais vestes femininas.

(▶)

Theo ouviu a justificativa insana do homem. Ciúmes pelo fato da tal de la Cuña ser sua mulher. Perfeitamente compreensível, dada a localização de Réquiem. Próxima ao cerne onde aquela realidade reside, a cidade se alinha com os sentimentos oriundos do Círculo da Sede Eterna.

Sexo ali deveria ser questão de vida ou morte a qualquer momento. O desejo inesgotável que também influenciava Theo a medida que passava mais tempo naquela cidade. Motivo a mais para não arriscar em trocar de lugar com o caixão novamente, enquanto estiverem por ali.

– ¿Então, *sheriff*, o que gostaria de falar com a minha mulher?

– Bem, não se preocupe porque o assunto se trata de questão de resolver um crime. Pelo que entendi o senhor pode estar interessado nisso também.

– ¿E o que é?

Juan estava curioso e ao mesmo tempo desconfiado do que poderia ser.

– Quería saber detalhes sobre o desaparecimento do filho dela, há seis anos. ¿E eu acredito que ele deva ser filho do senhor também, não é mesmo?

O olhar de espanto do homem confundiu Theo, que pensou se tratar de alguma surpresa pela afirmação ouvida. Mas ele percebe que Juan se espanta é com a figura de uma moça se aproximando pelas costas de Theo, era Monica, que acordara muito provavelmente ao ouvir o tiro. Ela trouxe uma arma.

Por trás de Juan, aparece outra figura. Theo percebeu que ela era exatamente igual a Monica, não fossem as vestimentas totalmente diferentes. Ela inclusive também estava armada.

Theo ali parecia ser invisível. Foi Juan quem começou

– ¡Monica!

– ¡Juan!

– ¡Monica!

– ¡Rúbia!

Theo percebeu os ânimos exaltados e soltou um singelo e abafado suspiro de preocupação.

– Cadê meu filho, seu maldito? – Monica apontou a arma em direção a Juan. No mesmo instante ela escutou um tiro passando de raspão.

– Afaste-se. ¡Se você deseja realmente tanto quanto eu recuperar nossos filhos! – Gritou Rúbia.

– Eu estive em busca desse homem e a única coisa que quero dele é MEU filho, e mais nada, então ¡NÃO SE META!

Monica podia ver a irmã engatilhando a arma novamente e se aproximando em passos determinados.

– Você não foi a única que perdeu um filho, sua desgraçada, afaste-se ou não será você quem tomará o tiro.

Theo e a irmã podiam ver então Rúbia apontando a arma na direção de Juan, mesmo ele estando meio de lado, vendo as duas exaltadas e armadas. Juan havia ensinado à Rúbia a arte de atirar sem errar. Ela já havia dado o tiro de advertência para Monica e ela não daria um segundo tiro.

– Você o defende demais! Deixe-o responder todas as perguntas! – falou Monica ainda apontando o rifle para Juan.

– Ele responderá – vociferou de la Cuña, totalmente transformada. Ricardo e Márcio Renato jamais a reconheceriam naquele momento. Não daquela forma onde ela parecia completamente possuída. A *Winchester* já estava engatilhada, o dedos acariciava o gatilho. Monica sabia que ela não estava brincando e então o cano da arma mudou para a direção de Theo. Os olhos de la Cuña pareciam arder de ódio.

– ¿Quem é você e o que faz em Réquiem?

Monica virou a arma para a Rúbia e Theo levantou as mãos com um sorriso sem graça.

– ¡Esse é assunto meu! ¡Então se atirar nele eu atiro em você!

Monica séria, sua fama de mulher forte e decidida agora estava totalmente provada.

Monica pode ver a irmã olhar de soslaio.

– ¿Então, finalmente um homem que não pertenceu à mim?

Sorriu de forma sarcástica e Monica pode ver o dedo de Rúbia se firmando no gatilho. sem acariciar mais aquela peça.

– Você responderá às minhas perguntas também forasteiro. Pegue sua potranca e tire da frente de meus olhos, antes que nós dois saíamos mortos.

– ¡Senhoras! ¿É melhor que todo mundo se acalme, sim? Não é educado apontar armas assim, alguém pode ser machucar! – Falou Theo, tentando apaziguar os ânimos.

Monica entrou na frente de Theo, e continuou olhando com ódio, ora para Rubia, ora olha para Juan. Theo sabia que Monica não podia se arriscar ficando na frente dele. Ele não sofreria danos, portanto, ele se coloca na frente dela.

– Não se preocupe, eu resolvo isso.

– Você não os conhece, eu conheço, não se arrisca, por favor – olhou para ele rapidamente com carinho nos olhos.

– ¡E você também não me conhece, Mônica, não se preocupe!
Monica virou-se para a Rubia.
– Suas palavras não me ofendem. Eu quero respostas só isso.
– Depois, Monica, vamos – falou Theo ao ver algo no ventre da irmã de Mônica.

Monica bufou.

– Monica, apenas te peço para que confie em mim. Volte para a taberna que eu vou em seguida. – Theo deu um beijo profundo na boca da Monica.

– Só se você vier junto – sussurra ela.

– Agora não posso. Eu converso com você, senhora de la Cuña, na verdade eu vim lhe procurar. Apenas peço que desarme-se...

– Se você não vai, eu fico aqui. – teimou Mônica. Ela nunca deixaria ele sozinho com sua maior rival.

Theo tocou o indicador direito de leve na testa de Mônica, que pareceu acalmar-se e dirigiu-se a sua casa. Pôde perceber porque Rúbia fingira ameaçar Juan por um momento e depois apontar a arma para ele. Aquela mulher se diferenciava de Monica em poucos pontos, mas era claro que era uma mulher tão determinada quanto, e talvez até mais perigosa, por não demonstrar os sentimentos de amor e carinho ali, diante deles. Juan sabia o que se encontrava no ventre da mulher, mas tinha tantas coisas para resolver e Monica não estava facilitando. Mas algo o corroeou, ao perceber o olhar lançado para Theo pela irmã gêmea de la Cuña. O sangue ferveu ao ver o beijo e dessa vez ele se virava e andava furioso em direção da amada, desferindo um tapa violento ao rosto dela.

– ¿Eu não te disse para deixar-me em paz por ora?

O tapa desferido no rosto, fez de la Cuña virar o rosto para o lado. Para Juan aquilo era necessário para ver se ela voltava à razão. Não sabia porque ela tinha ido atrás, mas com certeza sabia que a visão de Monica perturbava Rubia. Há quanto tempo elas estavam assim? Por um breve momento ele desvencilhou o olhar, por muito pouco mesmo para perceber a reação dos outros dois e então só pode ver de relance a corronha da *Wichester* chegando em alta velocidade. Rúbia, em sua reação, girara a arma, atingindo-o com vontade no queixo. Agora ambos apontavam armas um para o outro. Parecendo que se matariam naquele momento.

– Por favor. Volte para casa, não faça nada do que você possa se arrepender depois mulher.

Juan estava se controlando ao máximo. Não podia matá-la. Não depois daquela noite, dos motivos que o levaram para Réquiem.

(▶)

Danny Danny estava cansado. Queria testar sua teoria e encontrar respostas, mas as coisas haviam ficado mais confusas que antes. Fora até a mina que deveria estar vazia, onde escondera os seus tesouros roubados e a encontrara soterrada. As lembranças começaram a retornar. A começar pelo terremoto que a fizera desabar em cima dele, depois da fuga do altar. Não podia dar um golpe na mulher que descobrira amar loucamente. É, amar é uma coisa louca para um trapaceiro fazer, não se pode amar a vítima. Resolvera fugir dali, colocar as coisas em ordem, e a mina desabara sobre sua cabeça. Não sabe como conseguiu escapar dos escombros, quando acordou estava na tenda de um brujo chamado Juan, que o tratou com feitiços e encantamentos, remontando o seu corpo destruído como se fosse argila molhada. Por tanto tempo esperara a morte, desistira de tudo, melhor deixar o rio fluir.

– Todo dia é um belo dia pra morrer – dizia o brujo Juan, sorrindo, enquanto fumava seus cigarros mágicos.

– Pares de fumar, ou então me dê um – dizia o convalescente Danny Danny.

– Cigarro do Diabo, ainda não está preparado para isso. ¡Ainda não!

As lembranças foram voltando aos pedaços. Como se filtradas por uma peneira que as desmembrava e espalhava. Tentara dar o fora dali, galopar rumo ao nascer do Sol. Melhor virar as costas ao passado e se distanciar de encrencas. O

problema é que sempre que seguia em frente, quando se dava conta, estava voltando para o mesmo ponto, na direção oposta.

– É correto que o mundo é uma esfera, mas isso é ridículo. ¡Que Inferno!

Foi então que as coisas começaram a fazer sentido para ele. Esporeou o cavalo e voltou para a cidade. Na sua mente, as palavras de Juan, seu mestre, ainda ecoavam como o fogo dos Infernos que consumia sua alma.

Todo dia é um belo dia pra morrer.

Mas não hoje. ¡Não desta vez!

(▶)

No primeiro momento que Juan avistou aquela figura pálida e sombria, soube que achara quem procurava. O estranho veio em sua direção e perguntou por de la Cuña. Era a confirmação que precisava. Atiraria direto em sua cabeça. E ele não foi ferido. Soube então que encontrara o Lacaio do Inferno, que tinha o corpo fechado pelo próprio Senhor das Trevas. Pressentindo que tinha que mudar rápido de atitude, mostrou-se passivo. Suas armas para lidar com tal criatura seriam outras. Ele daria fim da criatura a seu tempo, persuadindo-a antes a lhe revelar o paradeiro de seus filhos.

Então, chegaram as irmãs. E elas estavam de lados opostos. *¿Como isto pôde acontecer? Eram tão próximas e queriam tão bem uma à outra, pensara. É esta terra maldita. E Monica. Ela cometeu um erro, não sabia com quem estava. Seria sua morte certa ficar ao lado de tal criatura das trevas. E a criatura olhara para o ventre de la Cuña com súbito interesse. Tinha que tentar distrair a atenção para uma briga com de la Cuña. Não era ainda o momento de enfrentar tal peste. Colocaria em risco não só sua vida, mas a das irmãs, e principalmente das crianças, se ainda estiverem vivas. Foi o que fizera. Rúbia, entretanto, acendeu sua ira. Mas por enquanto conseguiu seu intento. A criatura se foi com Monica. E ele foi deixado em paz com Rúbia. Por um momento pressentiu pelas costas dela a presença de um garoto, que foi se desvanecendo no ar.*

– Por favor – disse Juan – volte para casa, não faça nada do que você possa se arrependar depois, mulher. Confie em mim, pelo menos por enquanto, e prometo que muito em breve te darei as respostas que quiser.

Rúbia, então, arrependida de lhe ter apontado sua arma, baixou os olhos e voltou à pensão. Mas decidiu que precisava saber mais a respeito daquele que estava com sua irmã. E faria isto do seu jeito.

Juan agora estava sozinho novamente. Mas já sabia a quem enfrentava. Faltava agora saber com que armas lutaria. E que aliados teria a seu lado. Theo estava próximo de descobrir alguns dos mistérios que estavam por detrás da exterminação das cidades mencionadas por ele. O que ele não sabia é que ao desenhar o nome destas cidades dentro de círculos para montar seu quebra-cabeça, ele estava possibilitando a abertura de um portal por onde CRRIST poderia entrar em Réquiem novamente.

(▶)

Após o encontro das irmãs e seus amantes, CRRIST pôde sentir o cheiro daquilo que Theo enxergava no ventre de Monica e Rubia. Seus olhos prateados começaram a brilhar e a fome tomar conta de seu raciocínio. Não podia mais ficar ali. Com suas garras afiadas e na velocidade de um lobo faminto atrás de suas presas, CRRIST começou a correr em círculos.

O chão trepidava em baixo de Réquiem, o Círculo da Sede Eterna se formava e a areia que cobria a cidade subia formando uma névoa de areia e pó. Cidade suspensa nesse ar rarefeito tirava a visão de todos os habitantes esquecidos em Réquiem.

– É a mim que elas devem servir, não a vocês. O que delas provém é a mim que pertence. Vocês não tirarão de mim aquilo que me foi designado – bradava CRRIST.

Theo, Juan, Monica e Rúbia estavam tomados pela névoa. Danny Danny voltando em seu cavalo apenas repetia para si: *Todo dia é um belo dia para morrer... Mas não hoje! Não desta vez!* e mesmo sem conseguir enxergar nada diante de si, uma calma tomou conta dele e apenas galopava em seu cavalo de volta à cidade.

CRRIST parou e toda a areia e pó que estavam suspensos no ar caíram por terra e a trepidação também. Estava chegando o momento dela ir buscar o que tanto queria.

– Não há crianças... ¡TODAS VIRÃO A MIM! ¡Mas não agora! ¡Não por enquanto!

E CRRIST se calou.

(▶)

Ambos estavam nervosos, era palpável no ar a tensão entre Rúbia e Juan. Havia ira no olhar dela, no olhar de ambos, mas a forma de pedir para que ela voltasse para casa. Rúbia ainda mantinha sua arma erguida por um tempo, mas o sentimento de arrependimento crescia em seu peito, por duas vezes ele viu os olhos da mulher hesitarem, o que poderia ser fatal para ela, se ele realmente quisesse matá-la. Rúbia abaixava os olhos, a arma e se virava. Ele havia se convencido por enquanto. Sabia que ela se retiraria, mas quando ela estava há poucos passos da pensão, o chão da cidade começou a trepidar mais uma vez. Os passos de todos paravam. Theo sabia o que isso significava. Monica e Rúbia sentiram o coração acelerar. Paralisadas com aquele momento. A tempestade de areia tomava conta da cidade, atingindo-os antes que chegassem a um abrigo. CRRIST bradava aos quatro ventos sua indignação e seus desejos. E Theo sabia que precisava tirar Monica daquela tempestade o mais rápido possível. Abraçava-a.

– VAMOS, MONICA! NÃO É HORA DE HESITAR EM SEUS PASSOS.

Juan se mantinha ali no "fogo cruzado" dos eventos.

– Todo dia é um belo dia para morrer. ¡Mas não hoje! ¡Não desta vez! – Danny Danny repetia seu mantra aos ouvidos de Rubia, pegando-a desprevenida por conta da tempestade. Não dando chances para que ela reagisse, puxando-a para dentro da pensão. As portas se batiam. Theo tocava o ventre de Monica para ter certeza de que aquilo que ocorrera lá fora não tivesse posto em risco o que ela carregava consigo e Danny Danny segurava Rúbia contra a porta, mantendo a pensão fechada para que ela não voltasse lá para fora. Escutava o último rogar de CRRIST e murmurava ao mesmo tempo que aquela entidade:

– ¡Mas não agora! ¡Não por enquanto!

CRRIST se calou. Danny Danny olhou Rúbia agora bem de perto e Juan podia ver a calma voltar a reinar em Réquiem. Monica voltou à taberna, ainda desnorteada, apenas seguindo a persuasão que Theo usou para lhe acalmar os ânimos. O espasmo que CRRIST deu no ambiente foi o suficiente para causar certo rebuliço. Talvez as atenções não se voltem tanto a ele agora. Ele ainda não sabia ao certo no que implicaria o nascimento de uma criança naquele estado. Talvez isso tenha alguma relação com o que aconteceu com as outras cidades. Theo precisava chegar à Sede, mas para isso tinha que arrumar a confusão que sua presença causou.

Theo não via outra saída. Aproveitou-se da baixa visibilidade, golpeou Juan no rosto, fazendo-o tombar ao solo. Rapidamente, Theo tomou sua arma, certificando-se que a ação era acompanhada por de la Cuña e um outro homem, que apareceu montado a cavalo logo atrás.

Ele aponta a arma para Juan.

– Ei! ¿O que pensa que está fazendo?

De la Cuña conseguiu livrar-se de Danny Danny, abriu as portas da pensão e correu para tentar ajudar Juan a tempo de ver Theo fazer um movimento brusco na direção de Juan, como se fosse realmente atirar. A reação da mulher foi apenas uma. Alvejou Theo na cabeça, que caiu inerte a alguns metros de distância, morto.

(▶)

Monica escutou um disparo do lado de fora, mas ainda estava atordoada para reagir, quando escutou logo em seguida alguém chamando seu nome.

- iMonica! iDesce aqui gatinha! iTenho um recado pra você!

Ela reconhece a voz, era a voz do caixão. Ela não esboça reação contrária, pois ainda sentia os efeitos da ordem de Theo, que foi se apagando aos poucos, conforme sua vontade foi retornando.

- iAqui neném, seu amigo tem um recadinho pra te passar!

- ¿A-a-amigo?

Monica colocou a mão na testa e começou a raciocinar.

- iÉ, sua tonta! iO Theo lá de fora! iEle pediu pra você ficar calma que o que aconteceu não é nada do que você imagina!

- Como assim?

- Ele me pediu para instruir algumas coisas. Que saco eu tenho de bancar o pombo correio agora, seu merda! Ah, tá vá! Mas resolve essa merda logo!

- Com quem tá falando?

- iÉ o seguinte neném, fecha a matraca e escuta!

(▶)

Num outro plano, Theo tentava manter a unidade da sua presença. Ainda em um estado intermediário, ele conseguiu ver a cidade de Réquiem acima de sua cabeça, como se caísse em um poço de água vermelha. Tudo era turvo e confuso, e Theo manteve a concentração para não cair. Cair ali significaria o seu retorno, e dessa vez não conseguiria se livrar do abismo. Não poderia falhar. Observa a frente a área circular. O engradado que enclausurava o motivo da sua entrada naquele plano entre Réquiem e o lugar de onde ele fugira. CRRIST sorria a distância. Seu cabelo de fogo, os olhos brilhantes. A figura real de uma criatura infernal, uma força natural que não poderia ser detida de outra forma. Ela permaneceu imóvel, como se não precisasse se esforçar porque via seu alvo dentro do seu próprio elemento. Não haveria escapatória para ele dessa vez.

- Veio a mim? iFinalmente veio a mim!

- Não é o que você pensa, CRRIST! Eu vim conversar. E se você não quiser ser dissolvida, vai aceitar.

Theo apontou as mãos para a estrutura enorme, formada por inscrições em amarelo brilhante que ficavam abaixo da área onde CRRIST estava confinada. As inscrições começaram a brilhar com mais força e CRRIST deu um grito abafado de dor e percebeu a verdadeira intenção dele com sua prisão temporária.

- Isso nunca foi uma jaula, não é? iVocê é esperto, meu querido!

- Não foi você quem dizimou Butterville, foi? Por que estava lá?

CRRIST ficou em silêncio.

- Não estava atrás de mim. Foi procurar por outra coisa. O que aconteceu?

- Vocês. Vocês com suas idéias maravilhosas de fugir da danação. Não tem idéia do que fizeram!

Agora, Theo ficou em silêncio.

- Vocês trouxeram uma ira maior do que a do Inferno para cá! Suas almas ignorantes!

- O que quer dizer?

- ¿Como puderam ser tão ingênuos?

Theo começou a perceber.

- ¿Então, são mesmo almas nascidas aqui?

- ¿E o que você acha que aconteceria se acontecesse algo com uma delas aqui?

Theo ficou paralisado mediante o que sua mente refletia.

- iO ciclo entra em colapso, meu querido! iA roda para de girar!

- Não pode ser!

- iMas é! iEu não posso permitir que isso continue, fofó!

Theo se descuidou por alguns instantes. CRRIST aproveitou e destruiu a barreira que a prendia.

A dúvida na mente de Theo estava quase o tornando fraco. Vulnerável o

suficiente e CRRIST percebeu o fato. O golpe foi rápido demais. Theo foi arremessado para longe. Do seu rosto cortado jorrou algo que não era sangue, mas a essência daquilo que sua mente usa para tornar seu corpo algo palpável. A energia que, com muito custo, ele reuniu de si mesmo para se manifestar. Theo era apenas uma ínfima parte de si mesmo naquele momento. Frágil demais perante a poderosa força que ali enfrentava. Mas ele não desistiria.

– iNÓS TEMOS O DIREITO! NÃO É JUSTO!

– Quem disse que a vida é justa? iVocês são excremento, apenas isso! iSão os restos do alimento deles!

Theo se recuperou e antes que CRRIST conseguisse alcançá-lo para desferir o golpe final Ele desapareceu do local.

– iNÃÃÃÃÃO!

A terra em Réquiem voltou a tremer, mas CRRIST percebeu que era apenas uma questão de tempo. A barreira estava cada vez mais fraca e ela poderia retornar em breve. Assim ela teria um trunfo muito maior ao tomar as almas que acabaram de ser transportadas para os ventres das duas irmãs. Tempo não é algo que corra da mesma maneira entra planos diferentes. Theo acordou, à noite, dentro de um caixão. Na sua frente estava o seu corpo, deitado no chão com um buraco de bala na cabeça e Monica com um olhar apreensivo.

O corpo inerte no chão abriu os olhos de repente, o buraco ensangüentado logo se fechou com a mesma rapidez em que o tom de pele se tornou mais vivo e a musculatura do corpo se fortaleceu.

Eles trocaram de lugar novamente e o novo Theo parecia bem contente.

– iOra, ora, seu viado! iPrecisou de mim novamente!

– Eu preciso agradecer aos dois. iObrigado Monica!

– iMas, eu não estou entendendo nada! iVocê me mandou cobrir seu corpo e trazê-lo aqui, mas foi uma confusão tremenda lá fora!

– iTheo, ela quase matou a irmã dela! iFoi linda a cena! iHá, há, há!

– A Rúbia estava desconcertada, todos se recolheram e outros fugiram, mas ninguém está culpando-a. ¿Você ia atirar no Juan?

– Claro que não, apenas precisava resolver toda a confusão.

– ¿Ah, criando outra?

– iTheo você é uma anta! iHá, há, há!

Monica estava em uma situação que nunca imaginou mas, ela sabia que estava fazendo a coisa certa. Pelo menos ela acreditava estar.

– ¿Bom, e agora o que vamos fazer? – Monica senta e cruza as pernas.

– Hey docinho, que tal um sexo selvagem? Estou na seca sabia?

– Cala a boca Theo! Você não faz idéia da seriedade da situação!

– iHei! Claro que não! – falou Monica com raiva.

– iEntão eu vou procurar um puteiro nessa cidade! iNão é possível!

– iFica parado ai, Theo! iNinguém pode te ver! Monica, você precisa esconder a gente por enquanto.

– Vão querer saber onde eu coloquei "seu corpo", e vão vir procurar aqui.

– Não se você pregar alguma cruz nos fundos da taberna, no lado de fora.

– ¿Hei, tem comida aqui?

– Ei, vocês dois tem o mesmo nome, eu tenho que identificar um e outro de alguma forma, eu sei quem é quem pelo jeito de falar, mas não sei como me dirigir a um ou a outro.

– Diga que você me enterrou para encerrar o assunto.

– Tem, seu fominha, pera ai que quando resolver isso vou pegar.

– Neném, somos a mesma pessoa! Há, há, há! Quer dizer, eu sou o melhor!

– Para mim são totalmente distintos, mas enfim, direi que o enterrei e mandarei as minhas funcionárias embora, vou trancar a taberna, estarei de luto.

– Desculpe o transtorno.

– Não precisa se desculpar. Algo me diz que estou certa.

– iÉ nenem, vem com a gente que você não se machuca! – Theo dá um tapa na bunda de Monica.

– Olha o respeito comigo! – Monica olhou brava para o outro Theo.– Mas agora me expliquem o que está acontecendo afinal de contas?

(▶)

Juan foi pego de surpresa pela tempestade de areia. Tentou chegar a de la Cuña para ajudá-la, mas já estava distante dela, e alguém viera socorrê-la. Então ouve e sente a presença de CRRIST.

Agora o circo está completo. Como se já não bastasse um demônio, outro aparece. De repente fora golpeado pelo covarde Theo que aproveitou sua distração e da tempestade de areia. Mas Rúbia chegou a tempo de lhe dar um tiro na cabeça. Porém, Juan sabia que aquela criatura não seria facilmente morta. Apenas seu corpo estava ali. E serviria novamente àquele ser maligno assim que o mesmo retornasse das regiões abissais de onde nunca deveria ter saído. Viu no rosto de la Cuña a surpresa pela aparente morte de Theo e a chegada da irmã que discutia enlouquecidamente. Neste momento, retirou de la Cuña da rua e retornou com ela para a pensão. Revelou a ela a verdade sobre Theo. E que o mesmo retornaria em breve a assombrar o ambiente. Ele podia ser inimigo de CRRIST, mas tinha sua própria dose de veneno e mal para disseminar por Réquiem. Com certeza tinha planos malignos para o que vira no ventre das irmãs, tal qual CRRIST. Quanto à Monica, precisava despertar do feitiço com que Theo a encantara. Ela não compreendia ainda a situação em que se metera.

Rúbia compreendia que precisava agir, mas com a cautela que a situação exigia. Juan desceu ao porão da pensão e de lá voltou com um baú empoeirado. Dali retirou, sobre os olhares curiosos de la Cuña, a Cruz de San Sebastian, artefato místico que fora trazido pelos espanhóis quando da colonização do México. Tal cruz, segundo os religiosos, era capaz de absorver e aprisionar o mal em qualquer de suas formas. Ele trouxera tal artefato do período em que vivera junto a alguns poucos nativos que não se misturavam ao povo de Réquiem, embora vivessem bem próximos aos limites da cidade. Também retirou três colares especiais para proteção pessoal. Colocou um em Rúbia e o outro em si mesmo. E entregara o terceiro colar a Rúbia para que colocasse em Mônica. Assim o feitiço que Theo havia lhe lançado se quebraria, e ela estaria livre para pensar e agir por si mesma.

Com certeza voltaria a ficar do lado de sua irmã.

– iDeixe-me voltar lá! iDeixe-me acabar com isso tudo de uma vez! – Rúbia lutava e Juan a segurava fortemente dentro da pensão.

– iRúbia! – falou rispidamente – Não será desta forma que você acabará com toda a situação. O que você viu lá fora foi apenas uma ilusão. Você não matou aquele verme miserável.

– iClaro que o matei e mataria Monica, assim eu acabava com tudo isso de uma vez por todas!

– iMonica não tem culpa! Não a culpe por ela estar agindo desta forma. Ela está sendo manipulada por aquele ser.

Juan ainda a defendia e isso apenas aumentava o ódio de la Cuña, mas mantendo-a presa contra a parede, no calor da discussão, Juan explicava toda a situação.

– Por favor, olhe em meus olhos e diga se estou mentindo para ti. Eu não queria explicar tudo desta forma, eu sabia que você não compreenderia tudo tão facilmente, mas não tive outra escolha. As coisas não aconteceram da forma como planejei, mas por tudo que há nesta terra que tão bem conhece. Afirme que tudo o que eu disse é mentira e eu mesmo deixarei que você me mate.

De la Cuña parou de lutar, olhando um bom tempo para os olhos de Juan. Ele voltava a explicar a situação, sem desvencilhar os olhos. Sem vacilar um instante sequer em seu olhar. Juan então se afastava e de la Cuña ficava ali parada à porta, acompanhando-o apenas com o olhar.

Não muito distante deles, Danny Danny observava toda a cena, não deixando escapar detalhe algum. Absorvendo todas as informações, vendo a forma como o brujo agia com aquela mulher e como ela reagia sobre a influência dele.

Juan trazia o baú, abrindo-o. Rúbia rodeava, lançava o olhar para dentro do Baú e aos poucos via uma cruz sendo retirada. Lembrava-se do Baú, mas jamais o abria, algo no Baú a fazia recuar e ela recuou um pouco vendo aquela cruz,

esmiuçando os olhos. Juan então retirava outras coisas mais. O colar foi colocado no pescoço dela e ela estremeceu levemente. Mas logo ele fez o mesmo com ele e pedia que ela fizesse o mesmo pela irmã. Dizendo que assim seria a única forma de Theo não influenciá-la novamente.

Ele tinha esperanças de que elas voltassem a ser amigas e Danny Danny percebeu de la Cuña olhando para o terceiro colar longamente. Não havia intenções naqueles olhares de entregar o colar e ao perceber que elaalaria algo, preferira interromper.

– Os Caminhos que percorremos nos trazem surpresas.

Juan reconhecia aquela voz e o sorriso se alargou. Risos foram dados por parte de Juan que se aproximava de Danny Danny.

– Veio me cobrar aquele cigarro ou hoje ainda é um belo dia para morrer?

De la Cuña arregalou os olhos ao escutar a ultima parte que Juan falou para Danny Danny e então rebuscou o ar. ¿Eles se conheciam? ¿Teria sido por isso que Danny Danny a observava e perguntava se os pensamentos dela eram direcionados a um amor perdido? A tensão parecia ter quebrado por um momento e Juan então sorriu e chamou de la Cuña para apresentar melhor Danny Danny.

(▶)

Theo estava deitado no chão de terra, sobre um círculo cheio de inscrições misteriosas. Monica estava no outro extremo do porão.

– Eu vou me deitar agora, docinho. Assim que a mudança ocorrer o plano do chefe estará completo!

Monica ficou em silêncio quando ouviu sons muito fortes do lado de fora. Alguém estava arrombando sua taberna.

Ao abrirem a porta do porão, a luz do Sol iluminou de vez o lugar e Theo, ainda deitado, de braços abertos sobre o círculo, emitiu um urro ensurdecedor. Seu corpo tremeu e se contorceu. Os inquisidores começaram a descer as escadas, Juan estava impassível a situação, segurando em suas mãos uma cruz especial.

Theo se debatia no chão, gritando com uma voz rasgada e esganiçada.

– ¡A CRUZ DE SAN SEBASTIAN! ¡SAIAM! ¡ME TIREM DA QUI! ¡ME SOLTEM!

Monica estava paralisada. Aos poucos eles se aproximaram empunhando o objeto sagrado.

(▶)

Adriana del Pueblo continuou parada ali, em frente da Cigana, essa por sua vez olhava o céu como se estivesse querendo lembrar de algo. Del Pueblo então a sacudiu novamente e gritou não podendo mais se conter.

– Conte-me maldita ou matarei você! Já está amanhecendo o dia e vai escurecer novamente, mas não sairemos daqui enquanto você não se lembrar de tudo e me revelar todos os segredos dessa maldita cidade. Só você poderá me revelar o que aconteceu no dia do meu casamento, só você poderá me revelar o verdadeiro segredo das irmãs de la Cuña, só você poderá me revelar o que significa essa maldição toda de Réquiem! Danny Danny, por onde será que andou todos esses anos? Será que está morto? Rúbia, essa maldita mulher estava prestes a perder sua preciosa pensão, assim ela ficaria na rua e teria que amargar o socorro de sua irmã, que tanto a odiava, sim, elas se odiavam por sempre quererem os mesmos homens. Mas elas que se danem, quero mais é ver o fogo comendo solto, pois assim que conseguir saber de tudo, tomo a pensão e vou embora dessa maldita cidade esquecida por todos!

Del Pueblo tirou de seu bolso o documento que provava a todos que Rúbia devia uma alta soma ao seu banco, sim, ela o mostraria a Cigana, quem sabe assim faria ela lembrar-se de tudo...

(▶)

Enquanto os inquisidores desciam as escadas e se aproximavam, Theo não parou de gritar e se debater. Parecia preso ao círculo no chão.

– ¿Mestre? ¿O que houve?

– ¡Ahr! – gritou Theo.

Juan se aproximou empunhando a Cruz de San Sebastian.

– Desapareça, criatura das trevas!

– ¡Ahr! ¡Não!

– ¡Deixem-no em paz! – gritou Monica desesperada.

Ela correu para os fundos do porão e abriu os braços, colocando-se na frente do caixão de Theo.

– Não permitirei que destruam o meu mestre! Nem que, para isso eu pague com a minha vida!

(▶)

Internamente ela se incomodava com aquela cruz que Juan empunhava, mas Juan e Danny Danny estavam tão determinados que Rúbia apenas pegou mais munição e suspirou. O aproximar do cabaré estava sendo uma grande batalha para de la Cuña, mas seu corpo se movia em passos tão determinados quanto aos dos homens que a acompanhavam. Algo lhe causava desconforto em toda aquela história que parecia ser contos falados no dia dos mortos em muita bebedeira e diversão. Havia tantas coisas mais preocupantes. Mas logo adentraram o Cabaré e o porão e lá chegando, Rúbia pode presenciar coisas que a fariam rir em outra hora. O homem pálido que fez Juan reagir tão estranhamente e que ela havia matado há tão pouco tempo, estava lá, deitado ao chão, se debatendo, gritando para que tirassem aquela cruz de lá. Juan tinha uma fé tão grande naquela situação toda que enquanto o forasteiro gritava, Monica o chamava de Mestre, ensandecida em seus pensamentos dizendo que daria a vida por aquele... Aquela... O que quer que seja. Mas ela protegia não o corpo, mas o caixão. Tudo se passou em questão de segundos e Rúbia não hesitou.

– ¡MONICA!

Rúbia gritou aproximando-se da irmã a passos rápidos.

– ¡EU SEI ONDE NOSSOS FILHOS ESTÃO!

Filhos... Eis uma palavra forte que por um breve momento, fez Monica estremecer em sua determinação.

– ¡EU SEMPRE SOUBE!

Monica não sabia se chorava ou se odiava ainda mais sua irmã por tal fato. Sua irmã de la Cuña a colocou entre a Cruz e a Espada naquele momento. Sua mente batalhava em pensamentos, se voava no pescoço de sua irmã, por tê-la feito sofrer todos esses anos, tomando dela a única coisa que lhe restava de sua dignidade, ou se ficava ali, prestes a morrer pelo único homem que fora apenas dela. Matar ou morrer? Morrer ou matar? O Conflito em sua mente foi tão forte que Monica levou as mãos à cabeça, querendo arrancar de sua mente toda aquela confusão.

– EU TE ODEIO.

Seu corpo reclinou-se um pouco para frente. Com a força que gritava era como se quisesse que a irmã desaparecesse perante sua raiva e dor.

– Eu sei.

Afirmou de la Cuña em um quase sussurro se aproveitando desse momento e disparando um tiro no caixão.

A Bala passou queimando a pele de Monica e atingiu em cheio onde provavelmente estaria a cabeça de qualquer defunto que lá estivesse contido. Um segundo estalo e Monica reagiu com um grito.

– ¡NÃO!

À medida que ela girava o corpo, o segundo tiro foi disparado. Monica abraçava o caixão, com os olhos incrédulos e arregalados. Sua voz vacilava à medida que seu corpo fraquejava.

– Perdoe-me.

Enquanto o primeiro tiro acertou o caixão, o segundo transpassou o corpo de Monica e atingiu o caixão na altura do coração da criatura. Monica sentiu uma dor terrível. Não provinha da bala, mas do elo que acabara de se quebrar. Da satânica magia sendo anulada. Monica sentou-se, olhando para o infinito enquanto sentia o poder da maligna criatura se esvaindo aos poucos. Ela começou a enxergar novamente, e o que ela viu foi um corpo de um homem pálido, se debatendo sobre um círculo e gritando numa língua desconhecida.

– ¡SEKHEN! ¡SEKHEN! ¡IMUHLAAAAAH!¹

Juan não se deixou abater e com toda sua fé, encostou a cruz na testa da criatura, que em um último espasmo se contorceu e se esticou, para depois ficar calado e imóvel.

Sem oferecer resistência, Monica é arrastada para longe do caixão, de onde começa a sair um pó escuro pelos buracos de bala. Danny Danny correu para socorrer a moça, de dentro de uma bolsa, retirou um emplastro estranho e o colocou em cima da ferida.

– Vejo que não se esqueceu de algumas coisas, Danny Danny.

Ele nada respondeu a Juan, pois sua preocupação era aplicar corretamente o medicamento na ferida.

– Parece que não atingiu nenhuma área importante. De la Cuña, coloque o colar na sua irmã.

– ¿Eu?

– Sim, precisa ser você.

Enquanto a irmã se aproximava, o corpo inerte do homem misterioso começou a se tornar pó. O vento que entrou pela porta aberta moveu e misturou as cinzas, que saíram do local arrastadas para o ventre daquele solo amaldiçoado de Réquiem.

O corpo de Monica escorreu pelo caixão praticamente até que ela sentou-se, olhando de forma perdida aquilo que ela estranhamente protegera. Confusa olhou ao redor, vendo Theo se debatendo no chão, gritando uma língua estranha. Juan. Ele estava ali. Estava fazendo algo e Monica mal conseguia ordenar os pensamentos enquanto seu corpo era arrastado para longe daquele caixão. Era sua irmã, olhando-a de forma séria, deixando-a deitada de uma forma que ela visse tudo que ocorria. O outro forasteiro, que arrancara um beijo de seus lábios, também estava ali, com o olhar preocupado, enfiando algo nela que a fez gemer de dor. Ordenando que de la Cuña colocasse um colar nela. A voz de sua irmã saiu vacilante, como se tal ato fosse contra todos seus preceitos, mas logo ela pôde ver sua irmã se ajoelhado, erguendo levemente sua cabeça e colocando o colar. A jóia fez Monica rebuscar o ar, como se a despettesse daquele momento surreal, fazendo-a sentir agora a dor do tiro levado. De cinzas escapando daquele porão e Juan se aproximando exausto, preocupado com Monica. Rúbia então se ergueu, afastou-se de tudo, praticamente arrastando sua *Winchester* com um certo gosto amargo em sua alma. Monica e Juan, então, lembraram-se de que Rúbia tinha dito que sabia onde os filhos estavam, que sempre soube e quando buscavam por Rubia, viam-na subindo as escadas do porão.

– ¿ONDE ELES ESTÃO? – gritou Juan, agora confuso.

Monica tentava se levantar e Danny Danny a impedia. Rúbia parou seus passos por um breve momento e olhou de soslaio sobre o ombro, falou em tom amargo.

– Mais perto do que ousam imaginar.

(►)

Os dias passaram em Réquiem. Tudo voltou a parecer normal. Monica continuou a usar apenas preto e voltou a abrir a taberna. Tentou não se lembrar das palavras da irmã.

– Monica, obrigada por nos chamar de volta – disse uma das funcionárias.

– Estou precisando de ajuda, tenho andando muito cansada e com enjôos, acho que tenho comido algo que não está me fazendo bem.

¹ Malditos! Malditos! Parem!

A funcionária apenas sorriu.

A porta rangeu, novos clientes adentram o ambiente.

– Isso aqui está movimentado depois do carinho do caixão.

Monica a interrompeu fechando a cara e saindo logo em seguida.

– iBom dia! iUm padre em nossa cidade é realmente uma novidade! – falou a outra jovem funcionária, verdadeiramente feliz. Não passava de seus 13 anos. Mas era órfã e Monica a tinha recolhido e cuidava dela. Não entendia como o tempo passava e a jovialidade dela não se perdia.

– Uma tequila para um servo de Deus, cansado da viagem, por favor.

– iClaro! – a menina servia o padre com gosto e ele sorria gentilmente para ela.

Monica olhou pelo vão da porta. E apenas pensou: *¿O que um padre faz aqui?*

(▶)

Del Pueblo estava sentada em sua sala no Banco Central. Da janela podia ver quem passava pela cidade. Viu um padre chegando a Réquiem e pensou: *¿Mas que diabos um padre faz aqui nesta cidade?*

Mas logo abandonou esses pensamentos..Sua única preocupação era aquele encontro tão esperado com a Cigana, ela havia sumido por uns tempos, sempre fazia isso alegando insanidade mental, mas del Pueblo já não acreditava mais nisso, existia algo muito forte para aquela Cigana alegar que estava sem memória, isso só poderia ser mentira, amanhã a noite seria o dia, del Pueblo a encontraria e finalmente todos os segredos seriam revelados.

(▶)

Juan se afastou do vilarejo por alguns dias, por sugestão de Danny Danny que o acompanhou a um sítio arqueológico ao sudoeste de Réquiem. Ele considerava o lugar mágico, e faria um ritual xamânico.

A princípio, Juan recusara o convite, mas em vista dos acontecimentos anteriores, e de sua discussão com Rúbia, que se recusou a revelar a verdade sobre as crianças, ele resolvera, a fim de estancar sua ira e não agredí-la, acompanhar Danny Danny.

Lembrou-se que antes de partir passara em frente ao banco central e vira, através da janela, uma mulher olhando para fora. Era del Pueblo, credora da pensão de la Cuña. O olhar da mulher seguia uma figura exótica que passava do outro lado da rua. Um homem com uma batina preta. Era um padre. Mas o que faria um padre em Réquiem? O olhar de del Pueblo acompanhou o padre até que o mesmo sumiu de vista, e depois encontrara os de Juan, que a olhava curioso. Nunca tiveram muito contato antes, e a rixa entre del Pueblo e de la Cuña não o envolvera. *Ela é uma moradora antiga de Réquiem, pensou também deve ter na manga os seus truques, para poder ter sobrevivido tanto tempo nesta terra maldita.*

Agora, no deserto, apenas tinha a terra seca sob seus pés, e o céu sob sua cabeça. O silêncio era uma benção e uma maldição.

Pois as palavras de Rúbia ainda ecoavam em sua cabeça: *Eu sei onde nossos filhos estão! Mais perto do que ousam imaginar.* O que ela queria dizer com isto? E por que recusou-se a revelar o paradeiro das crianças? Eram perguntas que o atormentavam a cada minuto. Seu pensamento era um doloroso e infundável vício. Em pouco tempo estaria de volta ao vilarejo e teria que buscar respostas às perguntas que o atormentavam.

(▶)

– ¿Que tal mais uma dose pra esse homem de Deus, hein, coisinha linda?

Lolita fica encabulada com o risonho padre. Já perdeu a conta de quantas

doses de tequila ele tomara. Monica ainda cuidava de seus afazeres na taberna, mas continuava atenta à conversa. Ele desperta na moça uma apreensão. Um sentimento de precaução, diferente daquele que temos aos nos depararmos com estranhos. Era como se o padre exibisse um sinal de alerta na sua cabeça. Os olhos vermelhos da figura religiosa estão perdidos pelo ambiente. Ora medem a atendente de cima a baixo, ora se fixam no copo vazio de tequila, ora buscam por algo, como se procurasse, se tentasse xeretar a distância aquilo que não conseguia enxergar.

– ¿O que faz um padre por essas bandas?

Monica resolve intervir. O padre a observa de baixo para cima, depois voltou sua atenção ao balcão onde Lolita limpava alguns pratos.

– Sou um homem de Deus que anda pelo mundo salvando almas!

Ele levantou o copo e começou a dançar pelo ar.

– ¡Preciso de mais uma dose!

– O senhor já bebeu demais, padre!

– ¿Vai negar o pedido de um homem de Deus, mocinha?

– ¡Lolita, suba!

A garota olhou interrogativa para Monica, mas aceitou o comando sem reclamar. Ela guardou o pano e se recolheu. O padre continuou a acompanhar seu caminhar inocente.

– Lo-li-ta.... – repetia o padre de forma caricata e meticulosa. – ¿A madame teria estadia para um padre cansado de viajar?

– Tem uma pensão do outro lado da rua – respondeu Monica séria.

– ¿Vocês sabiam que é pecado capital negar teto a um representante do senhor?

– Eu não estou negando nada, estou apenas dizendo onde o senhor pode ficar.

– Tudo bem, tudo bem. Já estava de saída.

– ¿A benção padre?

O padre pagou o que devia, e caminhou vagorosamente, apoiado em sua bengala, na direção da saída.

– Deus... Te abençoe, minha filha.

O olhar de lado e o sorriso sinistro fizeram o sangue de Monica gelar. Ela sentiu um arrepio terrível, enquanto via a figura deixando seu estabelecimento. Rapidamente ela subiu as escadas e encontrou com Lolita.

– Não quero saber de você perto desse padre. ¿Enquanto ele estiver na cidade você não descerá mais ao salão, entendido?

A menina apenas consentiu com a cabeça, mas sem entender a tamanha reocupação da patroa. Aquele homem santo andando cambaleante pelas ruas vermelhas daquela cidade esquecida. A bengala o ajudava a não deixar sua embriagues mais aparente.

– Cidade amaldiçoada essa que me enviaram.

O padre olhou em volta, girando o corpo e erguendo sua bengala em forma de protesto.

– Onde está a alegria infantil, hein? Onde estão os pequenos infantes jogando bola?

Depois de balbuciar alguma coisa incompreensível ele se apoia na madeira da frente de uma construção silenciosa.

– ¡Eu trouxe a palavra! Vim salvar a maldita alma de todos vocês. Malditas almas. Todos...De todos! Das crianças também. As lindas crianças puras. ¿Onde estão as crianças?

Uma mulher assustada passou apressada perto de onde o padre se apoiava. Ele segurava a bíblia em uma das mãos e se aproxima.

– ¡VOCÊ TAMBÉM!

A mulher gritou e correu, deixando o padre gargalhando. Ele riu sem controle, até que perdeu a coordenação do corpo, ajoelha-se e olha para o rubro céu.

– ¿Me abandonastes, não? ¡Ah! ¡Foda-se você!

Ele mostrou o dedo médio para o alto e desmaiou, caindo em um sono profundo naquela terra vermelha. Antes de apagar, ele ainda conseguiu proferir algo, com o rosto pressionado na sujeira.

– Maldita cidade.

As últimas palavras ditas pelo padre antes de desmaiar foram proferidas metros acima de onde CRRIST se encontrava.

Após o extermínio de Theo, o silêncio ecoava também nas profundezas. CRRIST já não conseguia mais esperar, precisava enfrentar as malditas irmãs. Réquiem não sairia ileso.

As irmãs ainda teriam que enfrentar seus piores medos diante do mais terrível perigo e CRRIST estava prestes a levá-las até ele.

De la Cuña sabia para onde seus filhos haviam sido levados e agora se preparava para iniciar a busca pela verdade.

O silêncio estava deixando uma tensão no ar de Réquiem. Onde estavam as crianças de Réquiem? Essa pergunta habitava o pensamento de muitos dos habitantes da cidade perdida.

(▶)

Na negra noite de Réquiem não havia qualquer estrela. O clarão de uma chama na colina próxima às ruínas era o único brilho na noite. Ali Danny Danny fazia seus gestos rituais enquanto Juan, num transe hipnótico, sonhava com o passado. Onde dias de luz e primavera eram companheiros de uma outra terra, abençoada com verdes bosques e riachos cristalinos. Ali se encontrava uma cidade cheia de vida e movimento. Moradores e visitantes passeavam por suas charmosas avenidas distribuindo sorrisos e cumprimentos. Era um lugar cálido e pacífico, onde certamente um casal seria feliz, criando seus filhos. E ali Juan vira um belo casal de jovens, rindo e dançando entre as flores de um jardim, com duas crianças a brincar bem perto de si.

Naquele momento, entretanto, o tempo parara para Juan. Como numa fotografia, percebera aquele casal, a mulher, elegante e de cabelos compridos, de costas, enquanto o homem, de frente para si, teve por um instante a linha de seu olhar encontrando os seus olhos. Então, reconheceu a si próprio. Um momento de susto e terror o lançou em uma profunda escuridão. E na escuridão discerniu a região obscura e tremeluzente de uma vila no deserto. Desnortado, caminhou em sua direção, quando enfim percebeu onde estava: era Réquiem, o detestado e maldito lugar para onde sempre regressava, fosse por um motivo ou outro.

O tremular da fogueira dançava perante seus olhos enquanto regressava à sua realidade. Seu amigo brujo estava sentado ao seu lado, o olhar refletindo o brilho da fogueira. Ficara em silêncio por alguns momentos, até que disse a frase que Juan não queria ouvir.

– Temos de voltar logo a Réquiem. Algo está preste a acontecer... E irá definir nossos caminhos.

Juan havia a abandonado desde que revelara saber onde as crianças se encontravam. Monica mais uma vez se isolara em sua raiva e em seu desconcerto e de la Cuña não pode deixar de observar de sua janela o padre caindo ao chão, desmaiado talvez por bebedeira, talvez por insolação. Há tempos isso não acontecia, assim como há tempos...

Rubia suspirou e desceu as escadas da pensão. As vestes ainda negras e os cabelos presos daquela forma, poderiam fazer, em um momento de distração, que vissem-na tal qual um outro forasteiro. Rubia se abaixou, observando o padre longamente, para depois olhar os arredores. Todos pareciam temer aquele homem, mas havia algo muito pior que a presença de um padre desgarrado.

– Vamos, padre, antes que morra de insolação – murmurou Rubia, enquanto começava a puxar o padre para a pensão.

Cada puxada era uma pontada que ela sentia e Rubia rangia os dentes.

– Não se preocupe. Ainda não é a sua hora.

O padre despertou em uma cama, de um local qualquer, ao menos mais fresco e com água e comida ao lado.

– Abençoada seja a alma que se compadeceu deste servo de Deus.

– Não há almas abençoadas nesta cidade, padre.

O padre se assustou e pode então perceber alguém adentrando o quarto. Pelas vestes poderia dizer que era um jovem e belo mancebo, mas ao arregalar mais os olhos, seu rosto se avermelhou. Não pode deixar de perceber as curvas delineadas pelo corselete negro, a pele alva, ou a calça que deixava claro como era o corpo da mulher, sem dar chances à imaginação de qualquer homem que fica sonhando em descobrir as verdadeiras curvas que as donzelas carregam por baixo de suas saias ou vestidos.

Desviando o olhar e se repreendendo dos pensamentos, bronqueou em seriedade resoluto.

– Tais trajes são indignos para uma mulher de família ou uma filha de Deus.

Rubia parou ao lado dele e ele não conseguiu deixar de percorrer aquele corpo com os olhos, sentindo a luxúria o consumindo e agradecendo estar de batina sob os lençóis, ou acabaria deixando algo mais transparecer.

– Continue se enganando, seu lobo velho miserável e insolente.

O padre se ergueu em fúria, escutando aquelas palavras ditas tão rispidamente.

– Eu devia ter imaginado. Não é a jovem dona deste corpo que aqui me responde.

Avançou cego em seus pensamentos negros.

– Arrancarei de teu corpo esta negritude. Afogarei-te com o líquido sacro santo e escutarei teus gritos até que a tua alma se encontre em paz novamente.

Um sorriso sarcástico surgiu nos lábios de la Cuña, assim que o padre avançou para cima dela e a agarrou pelos cabelos, em completo desespero de arrancar as roupas dela e começar o dito exorcismo.

Um simples clique e de la Cuña pode ver o sangue fugir da face do padre.

– Como eu disse antes, continue se enganando seu lobo velho, miserável e insolente.

– V-v-você ã-ã-ã s-s-s-se-ser-ria capaz...

Mas ele notou que ela seria capaz quando aquela pequena arma foi pressionada naquilo que ele mais prezava desde que fora mandando para aqueles confins.

– Agora, me diga, padre, como tem dormido sua alma desde que fizeste sua última confissão em Réquiem, enquanto purificava o corpo de um jovem mancebo?

(▶)

Já estavam quase nos portões de Réquiem quando viram as nuvens negras se adensarem, disparando raios, relâmpagos e trovões. Parecia que uma grande tempestade se anunciava.

Ao redor de Juan e Danny Danny o vento arrastava rios de poeira, dificultando seu retorno. Cavalgavam velozes e resolutos, decididos a agir. Pois lá atrás, na colina, descobriram que o sonho de Juan fora uma visão de ambos. E uma grande desconfiança passara por seus espíritos: o de estarem sendo constantemente enganados e iludidos. E só havia uma forma de descobrir a verdade, provocando o próprio mal que habitava Réquiem, e que já estava prestes a eclodir com todas suas forças. Aquela própria tempestade era seu prenúncio.

A Cruz de San Sebastian brilhava nas mãos de Juan.

(▶)

Adriana del Pueblo acordou de um sonho muito estranho. Quase não conseguiu dormir aquela noite, não saberia dizer, mas a cidade parecia em polvorosa, uma verdadeira loucura, eram forasteiros chegando toda hora na cidade, era nuvens pretas, temporais, movimentações estranhas naquela pensão. Tudo acontecia muito rápido e del Pueblo estava cada vez mais confusa. Poderia dizer que já estava chegando a beira da loucura. Ouviu uma voz dizendo a ela que

deveria consertar tudo em Réquiem. A voz dizia o tempo todo: *Del Pueblo, você trará a luz a essa cidade, mas para isso você terá que eliminar aqueles que não te darão ouvidos, você é a escolhida para salvar essa cidade, você será como um anjo, trará a salvação, junte-se ao padre, junte-se ao padre, junte-se ao padre...*

Del Pueblo estava confusa, mas atendeu ao chamado, sabia que alguém viria em seu socorro, sabia que alguém concordava com seus pensamentos, sabia que um dia todos veriam que ela sim, era a salvadora de Réquiem. Começou a dançar, a rodopiar pela casa, gargalhadas aos quatro cantos. Sim, mataria todos que se opusessem a ela. Sim, ela salvaria a cidade dessa gente pernicioso que acabara com a paz de Réquiem.

Del Pueblo definitivamente havia ficado louca. Há dias já vinha ouvindo essas vozes. Ela seria a salvadora de Réquiem, sempre soube disso, mas não tinha se dado conta até que a voz lhe afirmou tudo. Saiu em disparada pelas ruas de Réquiem, precisava encontrar o padre, ele saberia o que ela teria que fazer, mas ao atravessar a praça encontrou-se novamente com a Cigana. Aquela mulher não a deixava em paz, mas agora ela não se importava com mais nada. Precisava mudar Réquiem, acabar com as pessoas que ficaram atravessando seu caminho durante todos esses anos, mesmo assim parou.

– ¿Cigana, o que faz por aqui mulher, não cansa de me perseguir?

A Cigana por sua vez, a olhou. Havia chegado o momento crucial, as duas precisavam conversar, e seria hoje, acabara essa história de falta de memória, ela iria contar, revelar tudo a del Pueblo.

– Sim, del Pueblo, hoje vamos conversar, não adianta fugir, lembrei-me de tudo o que aconteceu, hoje irei revelar os segredos mais sórdidos de Réquiem que venho guardando todos esses anos, venha, sente-se aqui comigo, não se assuste, você vai sobreviver a toda essa revelação.

– ¡Está bem, Cigana, mas seja breve, tenho muito o que fazer, preciso achar o novo forasteiro, o padre que chegou a cidade, já sei que ele anda pelas bandas da pensão de Rubia, mas preciso falar com ele urgente!

A Cigana começou a revelar tudo...

– Del Pueblo, preciso me redimir antes que Réquiem chegue ao fim. ¡Há muitas coisas que preciso falar, preciso contar tudo o que aconteceu para que eu morra em paz, não morrerei em paz sem antes lhe dizer que Rúbia e Monica na verdade são minhas filhas! Del Pueblo deu um grito de horror.

– Sim, minhas filhas que não pude criar, pois tive que ir embora antes que o pai delas me matasse, ele falou que faria isso, deixou que outras pessoas as educassem, as alimentassem, mas eu, tive que fugir, ele iria me matar, mataria elas também, mas tem mais coisas que você precisa saber, porque precisa tirar da cabeça essa idéia de vingança contra elas. Você precisa desistir disso tudo, precisa me prometer que não vai fazer nada contra elas, me prometa, me prometa por amor a Deus...

Del Pueblo não entendia nada, acha mesmo que a Cigana estava ficando louca, o que ela tinha a ver com isso tudo?

– Por que quer que eu prometa isso? Está ficando louca de vez ou é mais um golpe sujo seu? Não vou prometer nada, irei acabar com essas duas, e depois sim, ficarei livre para salvar Réquiem.

– Vou lhe dizer o porque de tudo isso, mas antes vou te contar também porque Danny a deixou no altar.

– Del Pueblo, lembra quando você pediu que eu fizesse o feitiço para ele se casar com você? Então, eu fiz, mas só daria certo se você o amasse de verdade, sim, eu sei, você disse que depois descobriu que o amava, mas já era tarde, então fui até ele e contei tudo, contei sobre o feitiço e disse que você não o amava e que ele não precisava se preocupar, pois era um brujão. E brujos não recebem feitiços, precisei contar porque seu pai havia me forçado a isso, mais uma vez, me obrigou a mentir e a fugir para não me matar. Ele não queria esse casamento, pois sabia já da fama de Danny Danny, o de ser brujão, ele te criava como uma princesa e não queria isso para você, já havia outro pretendente. Rúbia e Monica sabiam de tudo, pois ouviram quando eu falei com Danny Danny, sabiam que ele iria fugir, por isso

elas deram risada de você quando ficou sozinha no altar. Mas agora, ele voltou. Sim, ele voltou e está novamente em Réquiem, você não o reconheceu pois no dia que largou você, ele foi se esconder numa mina e essa acabou explodindo com ele lá dentro e ele ficou desfigurado, mas está aqui, novamente em Réquiem, para sua tortura.

Del Pueblo não se conforma, é muita informação de uma só vez, e por que a Cigana teve que fugir novamente e dessa vez ela diz que foi culpa do meu pai, o que meu pai tinha a ver com tudo isso? O que ele tinha a ver com a Cigana?

Del Pueblo sacode Cigana com toda sua força, perguntando.

– ¿O que significa tudo isso, sua louca? ¿Conte-me tudo, o que você tem haver com meu pai? ¿O que ele tinha a ver com o Danny Danny? Anda, anda, me conta logo ou eu mato você neste exato momento.

– Sim, Del Pueblo, seu pai tinha tudo a ver, ele é o pai de Rubia e Monica, portanto elas são suas irmãs! Danny Danny, sabia de toda a história, ameaçou revelar a você, então seu pai me obrigou a ir atrás dele e fazer o que fosse preciso para que ele fosse embora e foi o que aconteceu.

(▶)

Danny Danny e Juan entram na cidade em meio a tempestade, relâmpagos rasgavam os céus como espadas incandescentes. Viram quando um vulto negro saiu correndo da pensão de Rúbia de la Cunã, era um padre.

– Vocês vão pagar por tudo seus malditos. Deus me abandonou, mas eu tenho outro senhor agora. Venha a mim, anjo do Inferno, venha a...

Um tiro foi ouvido e a cabeça do padre explodiu, mas já era tarde. Rúbia veio para a rua com a arma ainda fumegante na mãos.

– Esse maldito estava morto, lembram do padre pedófilo? Ele estava morto, todos estamos mortos.

Desesperada ela se ajoelha no meio da rua com o rosto lavado por lágrimas e chuva que começa a cair torrencialmente. Juan desmonta e a abraça.

Danny Danny olhou para cima e viu um buraco se formar por entre as nuvens e a terrível criatura CRRIST adentrar por ele. Tentou sacar seus objetos mágicos, mas a criatura o derrubou do cavalo.

– Nãaaaaooooo...

Del Pueblo desceu a rua correndo com sua arma em punho, e começou a atirar contra CRRIST que atacava Danny Danny.

Atingida por del Pueblo a criatura se volta enfurecida para os outros. Juan, usando a arma de Rúbia, se juntou aos disparos de del Pueblo contra o demônio que parecia não sofrer nada.

– Chegou a hora, meus queridos. Agora serão definitivamente meus.

– Juan, use a cruz – disse Danny Danny.

– Não posso, eu a perdi em algum lugar, não está comigo.

A criatura avançou para Danny Danny, que estava mais perto. Ele desesperadamente procurou em seus pertences algo. Nisso um chicote negro rasgou o ar e segurou a criatura pelo pescoço. Don Ricardo, havia escutado os tiros na taverna de Monica e correra para ver o que estava se passando.

– Caramba, Ricardo, nunca pensei que fosse defender esse cara – disse Márcio Renato que vinha logo atrás com a sua amada.

– Nem eu, Márcio, mas as coisas parecem ter mudado muito por aqui.

CRRIST, segurando o chicote com uma das suas garras medonhas, deu um puxão que jogou Don Ricardo sobre os dois amigos, libertando-se. A Cigana veio correndo e se jogou nas costas da criatura apunhalando-a com uma adaga em forma de crescente cravejada de pedras.

– Morra, criatura dos Infernos, morra de uma vez por todas e nos deixe em paz.

CRRIST curvou-se ferida pelo punhal mágico, mas conseguiu agarrar as saias da Cigana, puxando-a de suas costas. Sem piedade enfiou as garras na barriga da Cigana, rasgando-lhe o ventre.

– Assim farei com suas filhas, maldita, arrancando-lhes do corpo o que me

pertence.

Danny Danny conseguiu encontrar o que precisava e exibiu-o a criatura.

– ¿Uma Bíblia? ¿Pretende me vencer com uma Bíblia? – disse CRRIST rindo.

– ¿Não sabe onde está? Acredita que Deus viria aqui para salva-lo?

– Apocalipse, minha cara, quando tudo está perdido é preciso usar o Apocalipse!

E Danny Danny abriu a sua Bíblia sacando do vão que havia nas páginas um cigarro.

– Pretende fumar o seu ultimo cigarro, condenado?

Sorrindo, Danny Danny fez um gesto e de seu dedo médio surgiu uma chama com que acende o cigarro em meio a chuva.

– Não é um cigarro comum, criatura, deveria reconhecer um cigarro do Capeta quando vê um – e puxando uma longa tragada soltou a fumaça em direção a criatura. Um dragão de cinzas se transformou em pleno ar e passou a atacar CRRIST que se debatia em meio as garras imensas. Os ventos se intensificaram e o dragão de cinzas se desfez no ar.

– Precisa mais do que isso para me vencer, desgraçado.

Danny Danny deu o seu melhor sorriso torto antes de responder.

– E, quem te falou que eu pretendia vencer? Só queria a sua atenção por alguns minutos.

Nisso, Juan saltou sobre a criatura cravando acruz que havia encontrado, enquanto os outros lutavam com a besta demoníaca.

– Eu voltareeeeeeeeeiiiiiiiiiiii, isso não acabou ainda, vou me vingar de todos...

E CRRIST foi ficando cada vez mais brilhante até que explodiu levando consigo a tempestade.

Um buraco se fez no ar, de onde irradiava uma luz intensa, do outro lado podia-se ver uma Réquiem completamente diferente, com ruas arborizadas em meio a uma campina.

– Rápido, todos vocês, entrem pelo portal, não sei quanto tempo temos ainda.

Rúbia e Juan entraram rapidamente, seguidos de Monica e Márcio Renato. Ricardo tentava arrastar del Pueblo para o portal, mas esta se agarrava ao cadáver da Cigana, chorando.

– Vá, Don Ricardo, eu ficarei com ela.

– Mas, Señor, precisa ir também.

– Eu já a abandonei uma vez, não vou fazer de novo. Cuidem das crianças e rezem por mim.

Do outro lado do portal, os que já haviam passado gritavam incitando para que se apressassem. Ricardo conseguiu atravessar, mas o portal já estava se fechando rapidamente.

– Venha, Danny Danny, não precisa ser hoje! – gritava Juan.

– Todo dia é um belo dia para morrer, Juan. – disse Danny Danny, olhando para o seu amigo, e voltando-se para del Pueblo, sorriu. Ao ver o sorriso dela, completou – Mas não hoje, não agora. Descobriremos um jeito de alcançá-los, sairemos deste Inferno. Algum dia!

– Nunca foi bom para atos heróicos, rapaz. Venham, ainda dá tempo.

Márcio Renato se abraçava com Mônica, não queria que o dia terminasse triste, para ninguém.

– Quem está falando em heroísmo? Eu apenas não gosto das coisas fáceis – disse Danny Danny – ¿E qual melhor desafio do que trapacear o próprio Diabo no Inferno? Ficaremos bem, não se preocupe, ainda faltam alguns para tirar daqui, acharemos um caminho.

Del Pueblo se levantou e abraçou Danny Danny, curada de sua loucura mágica pelos encantamentos quebrados.

– Aguardamos vocês com vinho, por conta da casa – gritou Mônica.

– Nos veremos de novo, señor – disse Rúbia jogando algo pelo portal que se fechou.

Del Pueblo agarrou o objeto no ar e o segurou junto ao coração. Quando

abriu a mão viu que era o camafeu. Ao abri-lo viu que tinha inscrições desenhadas.
– ¿O que é isso? – perguntou sem entender.
Danny Danny olhou e caiu na gargalhada.
– ¿Ora, minha amada, nunca ouviu falar no Mapa dos Infernos?
E os dois se beijaram enquanto o Sol se punha em Réquiem. Não haveria mais esquecidos, nunca mais.



Você tem um site e **não** sabe
como divulgá-lo?

Conheça o Portal Cranik

anúncios de banners, livros, links, etc.

cranik@cranik.com

Livra



RÉQUIEM PARA O NATAL CONTOS DE TERROR DE NATAL

Vários Autores

Natal. Época de paz, amor e fraternidade. Mas não para você. Esqueça-se de tudo que seus pais lhe contaram quando criança e prepare-se para conhecer o lado sombrio do Natal em 44 histórias sobrenaturais, de suspense e de terror. Nada de amor e fraternidade. A única paz que encontrará aqui é a paz eterna. Atreva-se a abrir este presente.

Valor: R\$ 29,00

Organizador: Edson Rossatto

ISBN 978-85-99267-31-8

Páginas: 224 – Andross

Para adquirir, acesse: www.andross.com.br

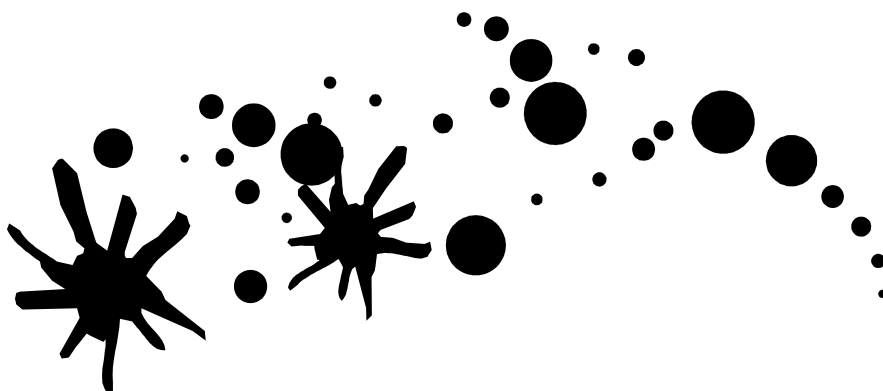
Lançamento:

Data: 07 de dezembro de 2008

Local: Espaço WN - Rua Jorge Augusto, 668 - São Paulo -SP (Próximo ao metrô Vila Matilde)

Horário: das 17h às 20h

Informações: www.andross.com.br

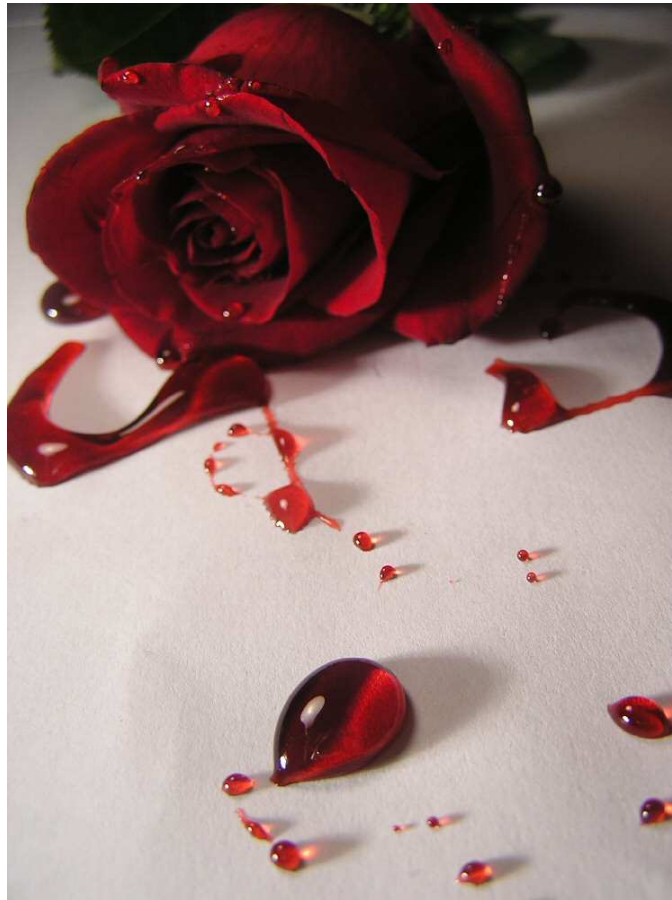




**PARA PARTICIPAR DO PRÓXIMO TERRORZINE, ACESSE:
www.cranik.com/terrorzine.html**

**FAÇA O DOWNLOAD DO TERRORZINE N°04, ACESSE:
www.cranik.com/terrorzine4.pdf**

**PARA DISPONIBILIZAR ESTE SUPLEMENTO PARA
DOWNLOAD, USE:
www.cranik.com/suplemento1.pdf**



Ademir Pascale
ademir@cranik.com

Elenir Alves
elenir@cranik.com

www.cranik.com

**Para anunciar, divulgar seu livro ou patrocinar o
TerrorZine, envie um e-mail com sua proposta para:
cranik@cranik.com**

® Todos os direitos reservados a Ademir Pascale e Elenir Alves - 2008
Cada autor responde pelo teor do seu miniconto e conto coletivo, assim como
plágio.